VICTORIANO BRAGA

INIMIGOS

COMÉDIA EM TRÊS ACTOS



LISBOA
J. RODRIGUES & C.ª
186, RUA DO OURO, 188
1927

INIMIGOS

Desta edição fêz-se uma tiragem em papel especial, de 60 exemplares, numerados e rubricados pelo autor.

VICTORIANO BRAGA

INIMIGOS

Comédia em três actos

Representada pela primeira vez em 11 de Dezembro de 1926, no Teatro Politeama, de Lisboa



LISBOA
J. RODRIGUES & C.ª
186, RUA DO OURO, 188
1927

Á MEMORIA DE MEUS PAIS
E Á MINHA MADRASTA
A EXCELENTISSIMA SENHO-
RA DONA VICTORIA ROSINE
PERESTRELLO DE VASCON-
CELLOS BRAGA

PERSONAGENS

Pela sua ordem de entrada na scena:

LEONOR — É uma mulher de vinte sete anos; estatura mediana, cabeleira curta tôda em caracóis. — Olhar vivo, penetrante, por vezes duro e até com assomos de crueldade; mas é, também quando ela quere, duma doçura infinita. — A discutir, tem movimentos e atitudes um tanto másculos, que correspondem a uma inteligência superior e exercitada em assuntos pouco femininos; é, no entanto, o mais feminina e o mais industriosa possível, nas scenas de amor e de sensualidade. — Leonor é afinal uma actriz como tôdas as mulheres mais ou menos são; mas Leonor, colocando a sua arte acima do seu sentimento de mãe e de amante, é a mais actriz de tôdas as mulheres.

Vestida de sêda preta nos dois primeiros actos, o vestido deve ser simples e duma grande elegância; muito decotado, sem mangas e com as alças muito estreitas. Quando no final do 2.º acto, Leonor deixa escorregar pelos ombros nús, com abandono, a capa de sêda em que, momentos antes, se tem envolvido, o espectador deve ter a impressão, momentânea, de que vai admirá-la em tôda a sua nudez. — No 3.º acto, traz vestido, sôbre a pele, um elegantíssimo *robe-de-chambre*.

RICARDO DE GOMIDE — Trinta e seis anos cansados, mas bem aprumado de figura; cabelo sôlto, puxado para a nuca e já muito branco, contrastando com fortes vestígios de mocidade. Fronte enrugada pela maleabilidade da expressão. Olheiras fundas de grande *gozador*, narinas dilatadas, olhos misteriosos duma sensualidade estranha, esgazeando, como os de um louco, quando se exalta ou medita profundamente, mas duma expressão quási feminina, quando se sente amimado ou o lisonjeiam na sua enorme vaidade. — Arrogante por natureza, é-lhe, contudo, freqüente, um ar de tédio por tudo que o cerca, uma preocupação de homem

que, tendo uma consciência perfeita da moral e do dever, se sente, por uma tirania dos sentidos, arrastado para uma vida condenável.

Veste um jaquetão preto ou escuro; a gravata preta ou escura também.

O CRIADO *de Diogo Goldstein* — Meia idade. Muito correcto e solícito; ar inteligente, dando a perceber, sem exagêro cómico, que luta com falta de vocábulos para exprimir com exactidão perfeita as suas ideas. É o criado particular de Diogo Goldstein, o seu escudeiro, e, afeito ás aventuras amorosas do amo, ajuda-o nas conquistas como um perdigueiro ajuda o caçador.

Veste com correcção uma casaca sem distintivo algum.

DIOGO GOLDSTEIN — Um velho rapaz de cincoenta anos. Esbelto, de movimentos rápidos, mecânicos que surpreendem pelo contraste com a fleugma natural da personagem, dando-lhe uma expressão satânica. — Cabeleira loira, já um pouco encanecida, cuidadosamente penteada, de cabelo partido ao meio e bandós puxados para a nuca. Patilhas. — Diogo Goldstein é pela educação um *gentleman*, pela raça um homem de negócio. A sua aristocracia provém-lhe do dinheiro; o dinheiro é o seu deus, ganhá-lo a sua religião, e, por isso, só da riqueza espera a felicidade. — Sabe ser amável, sabe, até, aparentar ternura, diz e faz o que lhe é preciso, sem sentir coisa nenhuma. — Representa a vida como um grande actor.

Veste *smoking* com a mais requintada elegância, servindo-se do monóculo, sem o largar dos dedos, como os antigos se serviam da luneta dum vidro só.

JULIETA — Foi uma linda mulher e ainda o é, com perto de quarenta anos. A formosura tem sido a sua enxada; foi actriz por ser bonita, por ser bonita é mãe duma filha que adora e que é tôda a razão da sua vida. Para dar todo o confôrto, para que nada falte à filha que é doente, Julieta não hesita em mercadejar os seus encantos, e, com tanta franqueza o faz e confessa, que nos deve dar a impressão de que nunca representou na sua vida.

Veste um elegante vestido de noite.

MARIAZINHA, *filha de Julieta* — Uma rapariga franzina de quinze anos; olhar febril, ar infeliz de quem não sabe bem ao certo como veio cá a êste mundo.

Vestida com rigor para a hora e para a idade.

RUI MANUEL — Um gentil homem de trinta e cinco anos, ami-

mado pelos pais, por ser filho único; acarinhado por todos, devido à sua grande fortuna. Nunca receando que o chamem à responsabilidade dos seus actos, é um distraído, uma grande criança, a nada prestando uma demorada atenção. — De nascimento semelhante ao de Ricardo de Gomide, seu antigo companheiro de escola, a quem admira pelo talento, embora com èle não possa comunicar intelectualmente, estima-o por uma afinidade de educação, sentindo mesmo uma certa vaidade em poder servi-lo, cultivando a sua gratidão.

Representa os dois primeiros actos em que entra vestindo com a maior elegância um fato de passeio.

O DOUTOR — Cincoenta anos. Tipo mixto de sábio e de santo: barba preta muito ao de leve salpicada de brancas; fronte espaçosa, rosto severo, falando com gravidade e até com uma certa dureza. Só no 2.º acto, na sua última scena, com Ricardo de Gomide, falando-lhe na filha, a sua fisionomia toma uma expressão de doçura e de franqueza, e a voz um tom familiar de amizade.

Veste de preto com a maior correcção. Chapeu mole e preto também.

A acção decorre numa noite de outubro

ACTUALIDADE

A PEÇA TEVE A SEGUINTE DISTRIBUIÇÃO:

LEONOR..................	D. Ilda Stichini
RICARDO DE GOMIDE.......	Snr. Raúl de Carvalho
O CRIADO DE GOLDSTEIN...	Snr. Manuel Bessa
DIOGO GOLDSTEIN.........	Snr. Alexandre de Azevedo
JULIETA.................	D. Albertina de Oliveira
MARIAZINHA..............	D. Adelina Campos
RUI MANUEL..............	Snr. Constantino de Carvalho
O DOUTOR................	Snr. António de Melo

ACTO PRIMEIRO

Um parque de hotel luxuoso situado na encosta duma montanha. Do lado direito da scena vê-se parte do rés-do-chão e primeiro andar do edifício. Á direita baixa, uma porta larga que é a entrada principal do hotel e á qual dão acesso três degraus de pedra. A seguir uma janela iluminada que não precisa de ser praticável, e, quebrando o canto, outra porta com guarda-vento saliente, envidraçado, e também iluminado, dando para a casa de jantar. A esta porta dão igualmente acesso degraus de pedra em semicírculo. Á esquerda, arvoredo.

Ao fundo uma balaüstrada de pedra, interrompida a meio para dar passagem para uma escadaria que se supõe ir dar aos jardins. Esta balaüstrada prolonga-se para a direita e para a esquerda a perder de vista, e por detrás dela, á esquerda, devem ver-se, quási à mesma altura, as copas das árvores dos jardins.

O pano de fundo representa um panorama de serranias que fecham o horizonte.

LEONOR, poucos instantes depois de subir o pano, assoma à porta do hotel e desce, vagarosamente, os degraus de pedra que dão para a scena. RICARDO segue-a. A atítude de ambos é de preocupação.

LEONOR, olhando atentamente para Ricardo, como a querer desvendar a causa da sua tristeza

Estás triste, Ricardo !... (Com ciúme) Tu tens saudades !...

RICARDO, com convicção

Não ! Tenho remorsos !

LEONOR

Remorsos de teres abandonado a tua casa?

RICARDO

Não! Tenho remorsos de te não ter encontrado... (Emendando) — de não ter procurado encontrar-te mais cedo na vida! (Com grande mágua) E tinha sido possível!... (Com desespêro) E tinha sido possível!

LEONOR, lisonjeada, terna

Como eu seria feliz se pudesse ligar-te todo o meu passado!

RICARDO, olhando-a fixamente, com uma expressão dolorosa

O teu passado, Leonor!...

LEONOR, vagamente, como recordando

Foi triste!... Muito triste!... Minha mãe morreu era eu pequena e... depois de mulher (Com grande sinceridade) e tenho um filho, Ricardo! não tive nunca um prazer igual ao que sinto quando beijo as tuas mãos... (Sensual) estas mãos que me trituram quando não confias em mim... (Com convicção) Eu procurei-te sempre na vida sem te conhecer!

RICARDO, com um sorriso de dúvida, mas lisonjeado

Creio lá!

LEONOR

Não duvides!... Procurei sempre o homem a quem pudesse entregar-me com vaidade... A quem pudesse sacrificar com orgulho todo o meu orgulho!... (Muito sincera) E tu és o homem que eu procurava na vida!

RICARDO, ràpidamente, olhando-a com amargura

Nesse caso... por que me não esperaste?

LEONOR, com vivacidade

Por que te não esperei?! Tu queres saber por que te não esperei, Ricardo?!... É tempo já de o saberes... Somos amantes há dois meses! (Noutro tom) Sentemo-nos ali...

Sentam-se à esquerda da scena. Leonor toma a mão direita de Ricardo, que aperta entre as suas.

RICARDO, depois duns momentos de silêncio e como um sonâmbulo

Por que me não esperaste?... Dize!

LEONOR

Vais ouvir uma história triste... de pouco interêsse...

RICARDO, com vivacidade

De pouco interêsse se é a tua?!... Vá! conta-ma depressa!

LEONOR, como recordando

Era ainda pequena e já ganhava a minha vida rodeada de miséria, trabalhando como actriz nos palcos mais modestos...

RICARDO, muito interessado e surpreendido com a sua própria maneira de sentir

Conta... conta!... É estranho!... Não me aflige visionar-te rodeada de miséria!

LEONOR

Ouve! (Continuando a sua história) Sendo meu pai um músico notável, ser actor era o seu maior desejo... a sua idea fixa!

RICARDO, prestando-lhe tôda a atenção

Sim... acontece isso muito...

LEONOR

Entrou para o teatro e sucedeu o que era de esperar... raro é ser-se perfeito em duas artes. (Com um sorriso vaidoso) Eu... era graciosa... tinha quinze anos!... Bonita nunca fui, oh! nunca! (Com orgulho) Bem o sei!

RICARDO, pegando-lhe nas mãos com ternura

Se não és bonita, Leonor, então... obrigaste-nos a ter uma nòva visão da beleza!

LEONOR, muito lisonjeada

Escuta, meu amor... (Com uma ternura sensual) demónio da minha vaidade!.... (Noutro tom) Deixa-me acabar...

RICARDO, com curiosidade

Sim... sim... continua!

LEONOR

Meu pai não tardou a desiludir-se de triunfar na sua nova arte, e... apoquentado com dívidas... tendo lançado mão dos últimos recursos... observou em mim, além da minha paixão pelo teatro, disposições naturais para vir a ser uma actriz interessante...

RICARDO, friamente

Procedeu com inteligência... no entanto... com... (Hesita)

LEONOR, continuando-lhe a idea

... com poucos escrúpulos!... Ias dizer?... Sim... tal-

vez... Se os sentiu, foram vencidos pelos conselhos de uma má mulher com quem a êsse tempo já vivia, e acabou por consentir em que eu fôsse actriz...

RICARDO, sombrio

Depois?...

LEONOR

Depois, Ricardo!... Para ti não devo aparentar modéstia: a minha estreia foi um triunfo!

RICARDO, disfarçando a contrariedade, num sorriso gelado

Ah!... sim?!...

LEONOR, recordando com entusiasmo crescente

Um grande triunfo! Estreei-me no Teatro do Parque, que é um teatrinho modesto e... não calculas o que foi! Logo no primeiro intervalo o meu camarim e o corredor fronteiro encheram-se de gente que me queria conhecer e felicitar! Jornalistas... autores... e outros homens que eu não tinha visto nunca... (Entristecendo rápidamente) alguns olhando-me de um modo... como nunca ninguem me tinha olhado...

RICARDO, muito contrariado, não podendo dominar uma curiosidade sensual, diz de chofre:

De que modo olhavam?... Dize!

LEONOR

Não sabes como, Ricardo?... De um modo que, naquele tempo, me pareceu misterioso... horrível... (Noutro tom, sensual) Olharam-me como tu!... Como tu olhaste para mim naquela tarde em que me lêste um trabalho teu... a primeira vez que nos vimos frente a frente! O efeito é

que foi bem diverso: emquanto o teu olhar produziu em mim o desejo irresistível de ser tua... de te pertencer inteiramente como uma escrava... o olhar dêles causou-me não sei que vago pavor... uma insuportável repugnância!

RICARDO, num tom reservado

E todos te causaram êsse efeito desagradável?

LEONOR, com sinceridade

Todos!

RICARDO, com mal disfarçado azedume

Então como se explica a existência do teu filho?!

LEONOR, surpreendida

A existência do meu filho?!...

RICARDO

Sim!... Também dirás que tiveste pelo pai de teu filho... essa insuportável repugnância... êsse pavor?!...

LEONOR, com grande amargura

Ricardo!... Ricardo!... Tu és cruel para mim! Eu não conheci o pai de meu filho na noite da minha estreia; conheci-o muito depois de ser actriz!

RICARDO, alucinado, cerrando os dentes

Fôsse quando fôsse!... Conheceste-o... cortejou-te... aceitaste-o... possuiu-te!

LEONOR

Oh! sim!... Sem dúvida... foi assim!... E se não

queres ouvir as razões que me levaram a aceitá-lo.... então, Ricardo! que vida poderá ser a nossa... se... como tu dizes tantas vezes... o teu amor por mim existe, pela certeza que te tenho dado em mil juramentos sagrados, de que nunca desejei... de que... só compreendi o que era prazer em amor... a primeira vez que me apertaste nos teus braços!...

RICARDO, fitando-a como a ler-lhe bem na alma

Sim... sim... É certo que tu me afirmaste só teres experimentado prazer nos meus braços...

LEONOR, com grande solenidade

Jurei-to e juro-to de novo pela felicidade de meu filho! E tu sabes bem quanto eu quero ao meu filho!... (Com grande convicção) Sabendo que iam matar-me se não jurasse por êle, e não pudesse jurar com inteira verdade... preferiria mil vezes a morte! (Altiva) Acredita, peço-te!

RICARDO

Acredito porque tu o juras!... Porque quero acreditar!... mas tortura-me a idea de que há um homem neste mundo que recorda quando quere que tu lhe pertenceste!... E o facto de tu lhe não quereres... sim!... de te entregares contrafeita... com repugnância... pode ter sido ainda para êle... para o seu espírito...

LEONOR, interrompendo, com ironia triste

Para o seu espírito!...

RICARDO, continuando, com violência

... mais um requinte!... Um prazer maior! (Com grande

exaltação, numa raiva louca de quem luta contra o irremediável) Oh! não haver um meio de o fazer esquecer que te possuiu!... Não poder eu atormentá-lo tanto!... tanto!... que na sua alma só coubesse a noção do sofrimento!

LEONOR

Socega, filho! Que exaltação a tua! Se conhecesses o homem a quem por minha desgraça pertenci, estou certa de que, embora sofresses com a idea, não te martirizarias desse modo! Horroriza-te pensar que viva ainda no seu espírito a recordação do prazer que lhe produziu a minha posse... (Com um sorriso amargo) Como te enganas! Como tu sofres inùtilmente!... È preciso que saibas quem era êsse homem!... É preciso que conheças a vída que eu levava em casa de meu pai... de meu pai, que era absolutamente domínado pela tal mulher que me maltratava, depois de me extorquir tudo quanto eu conseguia ganhar como artista! Durou seis anos o martírio!... Pensava já em saír de casa... em fugir, quando recebi uma proposta magnífica para ir representar num dos primeiros teatros de declamação... Nesse momento, julguei-me no direito de libertar-me... e então... escolhi, entre os homens que me perseguiam com propostas desonestas, dentro e fora do teatro, aquele que na aparência mais me respeitava... aquele que julguei me pudesse servír melhor — não para marido ou para amante, porque era como todos os outros indiferente ao meu coração; mas como companheiro... como guarda contra tôda aquela matilha... e por isso o escolhi — forte!... que ao mesmo tempo me desse inteira liberdade para eu praticar a minha arte, sem que impusesse a sua opiníão, e por isso... o escolhi — tolo!... em quem pudesse mandar como se manda num lacaio, dando-lhe o sustento diário... e não vi!... que assim escolhia... um canalha!

RICARDO

E quando percebeste que êle era um canalha... por que te não separaste imediatamente?

LEONOR, com firmeza

Por orgulho!

RICARDO

Por orgulho?!

LEONOR

Sim!

RICARDO

Estranho orgulho o teu!...

LEONOR, altivamente

Por quê... estranho?!

RICARDO, aparentando uma grande sinceridade

Leonor! Não tenho desejo algum em que triunfem as minhas razões neste caso... O meu descanço... a minha felicidade seria quási completa se me convencesse de que não tenho razão alguma... Eu vou ajudar-te... Vou ser o teu advogado contra a minha própria opinião!... Quási me daria por satisfeito se percebesse que tu, com sinceridade, não encontravas causas para o meu sofrimento... que intìmamente, estavas convencida de que não procedeste nunca movida por um sentimento afectivo... amoroso... pelo pai de teu filho!... Vá!... Eu vou ajudar-te a vencer-me... a destruir a minha própria convicção!

LEONOR, ainda com mais altivez

Não!... Não é necessário!... Não quero!... Bastam as minhas razões... as razões que eu sei dar!

RICARDO, insistindo

Quero ficar certo delas... das tuas razões! Deixa-me ajudar-te... Juraste-me pela felicidade de teu filho que te lançaste nos braços de um homem... para que êle te guardasse dos outros homens...

LEONOR, sem poder ocultar o ressentimento

Sim!... e então?!...

RICARDO

Então fizeste o mesmo que fazem aqueles que se suicidam... com receio da morte... Tu... receosa da desonra... entregaste-te — sem amor!..

LEONOR, ofendida, com exaltação

Acaba!... Sê franco!... Acaba a tua idea... Vá! dize... dize que me vendi! Dize! que dizes a verdade: — Vendi-me!

RICARDO, com convicção, acudindo

Não!... não! porque não houve interêsse material no teu procedimento (Ligeira pausa, e, mudando logo de tom) Depois... eras muito nova... não tinhas ainda da moral um juízo perfeito...

LEONOR, secamente

O mesmo juízo que tenho hoje!

RICARDO

O quê?!... Farias hoje o mesmo que fizeste?!

LEONOR

Não faria o mesmo porque tenho do mundo a experiência que então me faltava; da moral não tenho

um juízo diferente! Se agora tivesse da moral um juízo mais perfeito não me teria lançado nos teus braços, sendo tu um homem casado!

RICARDO, torturado

Cala-te... cala-te! Não te vingues dêsse modo!

LEONOR, com um riso nervoso

Ah!... Entendes que me vingo?!... Logo é porque sabes o mal que me estás fazendo!

RICARDO, com embaraço que não consegue disfarçar

Pois é neste momento... em que eu próprio te defendo... que te revoltas?!

LEONOR, interrompendo com energia

Sim! porque não és sincero! Porque sinto nas tuas palavras de «defesa» uma intenção contrária ao seu verdadeiro sentido! Eu não me vingo, repudio a tua defesa que me ultraja! (Noutro tom, decisiva) Ouve-me bem, Ricardo! Se julgas que me entregaria a qualquer outro homem como me entreguei a ti... — deixa-me!... Se julgas o meu amor tão fácil, que não chega para lisonjear a tua vaidade, — despreza-me!...

RICARDO, tenta interrompê-la

?!...

LEONOR, imperiosa

Ouve-me! ouve-me!... E tu... volta para casa... (Sem poder ocultar o despeito) Para junto... de tua mulher!... (Com ironia dolorosa) Usa dessa moral que tão bem conheces e que tanto lamentas que por ela eu não tenha cingido a minha vida... dessa moral que tu desejarias eu tivesse

quebrado uma só vez e a teu favor, claro! abrindo-te os meus braços! (Esforçando-se para aparentar calma) Volta para casa!... Eu voltarei para junto do meu filho que, por sua vez, também virá a pedir-me contas... — não da desgraça que me perdeu, porque a essa deve êle a sua vida, mas por eu não ter tido fôrça para sacrificar inteiramente o coração... — por ter sido tua amante, Ricardo! (Com uma grande amargura) Sim... sim!... o meu filho também, um dia, me acusará, estou certa, invocando a moral! — uma moral a seu geito... ao geito da sua vaidade! — È homem! (Noutro tom, com resolução) Separemo-nos, Ricardo!

RICARDO, intimidado

Leonor!... Leonor!... Desconheço-te!... Apavoras-me!... Onde foste buscar tamanha energia?!... Que fizeste do teu amor por mim?!

LEONOR, muito comovida, contudo enérgica

Quando o orgulho nos invade o coração... mal vai para o amor! Trataste-me como... inimiga! No meu coração só existe, neste momento: orgulho! (Insinuando) — O meu estranho orgulho!

RICARDO, suplicante

Tem piedade de mim, Leonor! Tu não sabes quanto eu sofro!... Quanto te quero!... e... de que modo te quero!

LEONOR, como duvidando, enérgica

De que modo me queres tu? — Dize!

RICARDO, amorosamente

Quero-te... como se virgem tivesses vindo para os meus braços!

LEONOR, com vivacidade, atalhando, convicta

Ah!... pois é esse o mal!... O mal é tu nunca te conformares com a realidade!... O mal é tu quereres sempre moldar a verdade ao que tu sonhas... à tua fantasia! Para que possamos continuar a viver juntos, Ricardo! é preciso que tu me queiras tal qual sou e não como tu desejarias que eu fôsse! (Sem poder vencer o despeito, numa exaltação crescente) Se em tua consciência me não julgas digna de ser amada com o coração... ama-me... como puderes... — sem respeito... mas... por caridade! — não mo faças sentir!

RICARDO, sucumbido e com sinceridade

Perdoa-me, Leonor!... Eu não queria magoar-te!... Interpretaste mal as minhas palavras... ou... talvez eu me não tenha expressado bem... Perdoa-me! que te magoei sem querer! (Tomando a mão de Leonor entre as suas) Leonor! tu tens-me na conta de um homem sério, não é assim?

LEONOR

Com certeza!

RICARDO

Não me julgas capaz de um acto que me desonre?...

LEONOR

De-certo!

RICARDO, com grande convicção

Pois bem, Leonor! se me visse obrigado a separar-me de ti... a perder-te por falta de recursos, não hesitava: — roubaria!

LEONOR, com grande sinceridade

Duvido! — tenho mesmo o certeza de que não serias capaz de o fazer!

RICARDO

Enganas-te! Por ti, roubaria! E tu, se com sinceridade me julgas honesto, poderias, então, avaliar bem quanto, moralmente, eu sacrificava para cometer o crime... e pela grandeza do meu sacrifício... a grandeza do meu amor...

LEONOR, interrompendo, com vivacidade

Não continues!... Não continues!... que já percebi!... Eu... como, com sinceridade, te julgo honesto, compreenderia o teu hipotético sacrifício... — tu... que me não julgas honesta...

RICARDO, tentando interromper para protestar

...!

LEONOR, firme, continuando

... que me não julgas honesta... não podes calcular qual o sacrifício moral que eu fiz lançando-me nos teus braços...

RICARDO, interrompendo

Não!

LEONOR, com violência

Sim!... (Continuando a sua idea) mas lembra-te de que... quer tenha sido grande ou pequeno, o meu sacrifício moral por ti, está feito: — sou tua amante! Tu... como, graças a Deus! ainda te não foi necessário roubar por minha causa...

RICARDO, atalhando, exaltado, querendo imprimir às palavras um tom de grande sinceridade.

Não duvides!... Juro-te!... por ti, roubava!... Rouba...!

O CRIADO surge à porta da direita baixa e desce a escada

LEONOR, aproveitando o aparecimento do criado para interromper Ricardo, e deixando perceber um ligeiro enfado

Olha o criado!...

CRIADO, aproximando-se e, depois de ligeira mas respeitosa reverência

Vossas excelências dão-me licença?

RICARDO

Faz favor...

CRIADO

O senhor Diogo Godstein soube, por mim, que não tinha sido possível arranjar o automóvel que vossas excelências desejavam para amanhã, e deu ordem ao *chauffeur* para que um dos seus carros... aquele que escolhessem... fôsse posto à disposição de vossas excelências.

RICARDO, olhando para Leonor, antes de responder

Peço-lhe que diga ao senhor Diogo Goldstein que agradecemos muito... (Emendando) — que eu agradeço muito a sua amabilidade e que... (Para Leonor, noutro tom) Tu sempre quererás dar o passeio amanhã de manhã?

LEONOR, hesitante

Sim... ou... talvez não!... Custa-me sempre tanto levantar-me cedo... Ando muito cansada... Amanhã é melhor não... Que achas tu?

RICARDO, para o criado

Faça então o favor de agradecer muito — em meu nome, ao senhor Diogo Goldstein, mais esta nova atenção e que... transferimos para outro dia o passeio...

CRIADO

Perfeitamente...

RICARDO

Se nessa ocasião houver aínda dificuldade em arranjar carro e o senhor Diogo Goldstein puder manter o seu oferecimento, aceitarei com muito gôsto...

CRIADO

Vossas excelências não mandam mais nada?

RICARDO

Não... não... — Não se esqueça de agradecer muito — da minha parte — ao senhor Diogo Goldstein.

CRIADO

Pode vossa excelência estar descansado que me não esqueço.

Faz reverência semelhante à que fêz na entrada e sai pela porta da direita baixa, subindo as escadas rápidamente.

RICARDO, depois duma pausa, reflectindo

Vai-me parecendo demasiada a... amabilidade dêste senhor Diogo Goldstein!... (Num tom em que procura mostrar uma grande naturalidade) Tu conhecia-lo muito?

LEONOR aparentando, também, grande naturalidade

Sim... bastante... Sem intimidade... mas bastante.

RICARDO

Ah!...

LEONOR

Ia, em geral, cumprimentar-me ao camarim nas noites das minhas festas...

RICARDO

Para comerciante... é amabilidade excessiva... Os comerciantes não costumam dar aos artistas, seja qual fôr a sua categoria, uma grande importância...

LEONOR

Nem todos... Depois... o Diogo Goldstein não é simplesmente um comerciante... É um homem de sociedade com alguma fortuna e que, como é esperto, enriqueceu mais durante a Guerra... Hoje, julgo que é um dos maiores sócios desta empresa de águas...

RICARDO, com um vago sorriso

Um bom partido...

LEONOR

Sim... deve ser...

RICARDO

Sabes se é solteiro?

LEONOR

Nunca indaguei... mas creio que sim... Ou solteiro ou viúvo...

RICARDO, continuando no tom de Leonor

Livre, emfim!... (Noutro tom) Conhece-lo, então, muito?!...

LEONOR

O que te disse! Não recordo até quem mo apresentou. Sei que é um grande amador de coisas de teatro... e admira me como tu o não conheces também...

RICARDO

Os comerciantes não se divertem comigo...

LEONOR, interrompendo, altiva

Nem comigo!

RICARDO, continuando

Julgam-me tolo... ou com pouco expediente para a vida... Aborrece-os o meu convívio... Receiam que o meu convívio os destrene da vida prática...

LEONOR

Talvez...

RICARDO

Concordas, no entanto, que se não compreende muito bem qual a razão que o leva a ter, connosco, tantas, e tão repetidas amabilidades...

LEONOR

Sim, de facto, tem sido muito amável, mas creio que isso só mostra que êle é uma pessoa bem-criada... agradável...

RICARDO

De mais!... Então chegamos aqui... o gerente diz-nos que não tem aposentos que possa dispensar-nos... aparece êle, e... sem mesmo se nos dirigir, aplana tôdas as dificuldades... manda-nos dar o quarto reservado sempre para a sua própria família... Êle mesmo, depois, nos disse, frisando bem o favor, que nunca o tinha cedido a ninguém... Dá-nos para sala a sua saleta particular... o seu escritório... onde tem o cofre que êle a maior parte das vezes nem se dá ao trabalho de fechar...

LEONOR, interrompendo

Porque só nós lá entramos, além dêle e dos criados...

RICARDO, continuando

Tem connosco tôdas estas amabilidades, por quê ?!

LEONOR

Talvez pelo teu nome... (Emendando) pelo nosso nome...

RICARDO

Pelo nosso, é possível; pelo meu só, não!

LEONOR, com grande sinceridade

Ricardo! Se assim é, e se isso te contraria, o melhor é sairmos daqui imedíatamente e esperarmos noutro hotel o dia da partida do navio...

RICARDO

Dizê-lo é fácil!... Não foi por acaso que para aqui viemos. Mudarmo-nos por dois ou três dias, não me parece ajuïzado... (Com um sorriso vago de ironia) Tanto mais que não podemos saber o que nos espera de desagradável em qualquer outro sítio para onde fôssemos...

LEONOR, num tom paciente

Faze, então, o que te parecer de mais juízo... Não te aconselho... (Olhando as montanhas que se avistam ao fundo, e com uma grande melancolia) Muito tempo não poderia aqui viver!... Oh! não!... Estes montes qne nos cercam parece que limitam a vida em tôdas as direcções!... Quando olho para o céu, chego a julgar-me já na cova onde hei de ficar para sempre...

RICARDO, aborrecido

Como tu me apoquentas com esses maus presságios!

LEONOR, com ligeiro enfado

Não são maus presságios... é uma impressão nervosa... Não tem importância... não faças caso...

RICARDO, com entusiasmo

Queres tu subir até lá cima?... Ainda há um resto de luar e no cimo da montanha avista-se bem todo o horizonte... Perdes essa má impressão... desafogas!

LEONOR, com desânimo

Cansa-me tanto subir...

DIOGO, JULIETA e MARIAZINHA entram na scena pela porta da direita alta, que é a porta da casa de jantar do hotel. Diogo vem à frente sem preocupação de cerimónia; segue-o Julieta e depois Mariazinha. Êle traja *smoking* e elas, vestidos elegantes de noite.

RICARDO, avistando o grupo que entra, enervado

Vem!... Eu ajudo-te... Apoias-te ao meu braço... Vamos devagar...

LEONOR, vendo também o grupo e, por isso, acedendo

Pois sim!... Vamos lá então... mas devagar... muito devagarinho, sim?

DIOGO, apertando o charuto entre os dentes, com os olhos semi-cerrados, como a defenderem-se do fumo, o que lhe deve dar uma expressão de grande sensualidade, fala num tom de voz em que se sente um mixto de piedade e de ironia, referindo-se a Leonor e olhando na direcção por onde ela acaba de sair com Ricardo

Aquela mulher teve sempre a atracção do abismo!

JULIETA, imitando, caricaturalmente, a mesma inflexão de voz

E tu, meu sátiro... tens a atracção daquela mulher!...

DIOGO, com pose, sorrindo

Sentia-me tolo a negar-to!...

JULIETA

Mas serias mais amável se o fizesses!...

DIOGO, sorrindo

Então?!... Nós combinámos ser bons amigos! Sejamos bons amigos! Combinámos não pedir contas um ao outro... É preciso cumprirmos a promessa!... Não te estorvarei... um bom partido; não me impeças tu uma boa aventura, minha linda Julieta!

Beija, galantemente, a mão de Julieta

JULIETA, observando Diogo

Tu és, Diogo, o homem mais cómodo que eu tenho conhecido de perto...

DIOGO

Isso, lisonjeia-me... porque sei que tens viajado muito...

JULIETA, franzindo o sobrolho

Olha que estiveste quási a dizer uma grosseria!

DIOGO, sorrindo, com um grande ar

Quási! Mas não disse, não é verdade?... E tu não te zangas!

JULIETA

Salva-te o espírito...

DIOGO, com ironia, metendo os dedos nos bolsos do colete

O espírito... tem graça!

JULIETA, baixo, sensual

Bruto!... (Virando-se para o fundo da scena e chamando) Mariazinha! Mariazinha, vem cá!... (Mariazinha aproxima-se) Como te sentes, meu amor?

MARIAZINHA

Bem!... Se estivéssemos aqui muitos dias curava-me de todo!

O CRIADO entra pela porta da direita alta.

JULIETA, abraçando e beijando ternamente a filha de um modo muito maternal e tão honesto que contraste bem com o modo sensual com que tem falado a Diogo

Descansa, minha filha! Hei de fazer tudo quanto possa para aqui estarmos ainda muitos dias. Que não farei eu por ti, meu anjo?!

MARIAZINHA, com alegria

Sério?!... Oh! que bom!

JULIETA, vendo o criado aproximar-se de Diogo, a um sinal deste

Vai dar uma volta pelo parque, que eu já vou ter contigo, sim?

Empurra Mariazinha pelos ombros, com ternura, afastando-a de scena.

MARIAZINHA

Sim!

Encaminha-se para o fundo e desaparece pela direita sem pressa.

DIOGO, para o criado num tom quási confidencial

Então?... Disseste-lhes?

Julieta, aproximando-se de Diogo, vai ouvindo o que êles dizem, sorrindo com uma vaga ironia.

CRIADO

Saberá vossa excelência que sim...

DIOGO

Tal qual como eu te ensinei?

CRIADO, afirmando

Como vossa excelência me ensinou.

DIOGO

E êles ?!...

CRIADO, interrompendo

Êle... êle só é que falou... que me respondeu...

DIOGO

Ah! sim ?!... Mas aceitam?

CRIADO

Já não querem dar o passeio amanhã...

JULIETA, mofando

Estás mesmo perdido...

Solta uma gargalhada.

DIOGO, para Julieta, sem se amofinar

Espera!... Deixa ouvir. (Para o criado) Vá! Dize lá!

CRIADO

Que fizesse o favor de agradecer muito da sua par-

te... da sua parte — dêle, a vossa excelência, e que... se quando quisessem dar o passeio, não houvesse na ocasião carro de aluguel e vossa excelência ainda estivesse disposto a emprestar... aceitaria o favor.

DIOGO, sorrindo e mordendo o charuto

Está bem... Então a senhora... não disse nada?

CRIADO

Disse só...

DIOGO, com interêsse, sem contudo perder a calma de espírito que o deve caracterizar, interrompendo

O quê?...

CRIADO, continuando

... que não tinha vontade de passear amanhã... que lhe custava muito levantar-se cedo... E não disse mais nada.

DIOGO, para o criado

Está bem!... Vai à tua vida.

CRIADO faz reverência e sai pela porta da direita baixa

JULIETA, muito intencional, maliciosamente

Se lhe custa a levantar-se cedo... é porque se sente bem! (Com falso mimo) Doi-te, meu velho?!...

DIOGO, com um ar muito natural

Puff!... É naturalíssimo! Ela não vive com êle por gostar de mim! (Curta gargalhada) Mesmo, lá que ela goste de mim, não me interessa muito!... Pelo contrário! O que eu queria era que ela me deixasse... a mim, gostar dela!... Percebes-me?

JULIETA, sorrindo e muito irónica

És bem um sentimental!... És o que se chama: um bom rapaz!...

RUY entra na scena, vindo da esquerda

DIOGO, para Julieta

Tu, di-lo a brincar... mas de facto... (Voltando-se ao ouvir os passos de Ruy, com uma expansão afectuosa) Olha o nosso Ruy!... Viva!

JULIETA

Viva!

RUY, apertando a mão a Julieta e a Diogo

Como estão vocês?... Chego estafado!... Morto de fome!...

DIOGO, abraçando Ruy ligeiramente e sorrindo

Muito trabalho, hein?!

RUY

Não parei em todo o dia e esqueci-me de jantar!

DIOGO

Não faz mal, jantas agora. Nós já jantámos, mas fazemos-te companhia.

JULIETA

Com muito prazer.

RUY

Muito obrigado, Julieta! (Noutro tom) Janto e vou-me embora, imediatamente...

DIOGO

O quê?! Vais-te já hoje embora?!...

RUY, preocupado

Tenho que ir, porque a minha mãe não tem estado bem. (Sorrindo) Depois ainda quero esta noite ver a minha noiva...

DIOGO, sorrindo malicioso

Ah!... Vais primeiro a casa da noiva?! Então nem ao meio dia de manhã estás em casa...

RUY

Não me demoro, acredita, minha mãe dá-me cuidado. (Com ternura, sincero) Nós adoramo-nos! Bem vês, — filho unico!

Julieta aproxima-se de MARIAZINHA que vê aparecer ao fundo direito.

DIOGO

Acredito tudo o que quiseres, mas... que demónio! uma noite?!... Podias ficar, ao menos, até amanhã à tarde! E fazia-me bastante conta que ficasses... Tenho que sair às quatro da manhã para uma caçada e não me convinha deixar isto só... sem ninguém de confiança... É conveniente estar aqui sempre um sócio...

RUY, sem aceder e sorrindo

Tem paciência, mas não me convences... (Noutro tom, com entusiasmo infantil) Ouve cá!... Sabes que tenciono comprar aquele carro que te mostrei no outro dia?...

DIOGO

Ah! sim?...

RUY

Vim nêle e quero que o vejas... e me digas se vale o dinheiro... Foi mesmo para isso que vim cá.. Ando a

experimentá-lo há dois dias... (Súbitamente, como ocorrendo-lhe uma idea que o afligisse) Ó Diogo!... que dia é hoje?

DIOGO, inalterável, olhando-o a sorrir

Sexta-feira.

RUY, apoquentado

Bonito!... E eu que tinha ficado de mandar o carro a casa do dono, hoje às três horas da tarde!... Foi mesmo com essa condição que êle mo emprestou para experiência, e de todo me esqueceu!...

DIOGO, com uma grande indiferença

Que te importa?!...

RUY

Importa-me, sim! Julgo que o homem precisava muito do carro! Que maçada! E com que cara vou eu agora aparecer-lhe!...

DIOGO, sorrindo com ar egoista

Com a tua!... Essa agora!... Pagas-lhe o carro, se o queres comprar e acabou-se. (Em tom confidencial) Tens dinheiro?

RUY, pensando

Tenho, sim.

DIOGO, com grande franqueza

Se precisas, vai lá acima ao cofre e tira... Tens cá muito dinheiro a receber... Chega para pagares o automóvel... (Noutro tom) Mas se tirares, dize-me, sim?

RUY, com segurança

Não, não preciso. Depois de amanhã conto voltar cá

e ficar uns dias... Temos muito tempo de fazer contas; hoje, não.

DIOGO

Como queiras.

RUY, mostrando pela expressão que de todo se esqueceu já da contrariedade, e olhando para o hotel com um sorriso de satisfação

Estamos então a ganhar dinheiro?!...

DIOGO, discreto, olhando como a recear que o oiçam e muito satisfeito

E de que maneira! Confesso-te que nunca imaginei que o negócio fôsse tão bom! Não hà um único quarto disponivel... Olha, para alojar o Ricardo de Gomide, tive de lhe ceder o quarto da minha familia!

RUY, mostrando-se muito admirado

É verdade! Cruzei com êle ali... no portão de cima... e cumprimentámo-nos... Caminhava românticamente, dando o braço a uma senhora que não consegui ver quem era...

DIOGO

O quê?!... Não sabes quem era a senhora?! Não sabes ainda que êle é amante da grande Leonor?!

RUY, com interêsse

Sério!?

DIOGO, com um sorriso levemente irónico

Estão à espera de navio que os leve ao Brasil.

RUY, com mágua

Êle deixou a mulher?!

DIOGO, com indiferença

Creio que sim.

RUY

Pois olha que a mulher é bem interessante!... Alta... de olhos negros... grandes e muito vivos; inteligente segundo dizem... Que diabo!... E depois não sei como êle poderá manter esta situação...

DIOGO

Nem eu.

RUY

Deve ver-se em sérios embaraços e faz-me pena porque fomos e... somos ainda grandes amigos, e sei que não é rico...

DIOGO

Dizem-me que não tem nada... (Com desdém) É um lunático!

RUY

Tu não eras, também, amigo dêle?

DIOGO

Dela... da Leonor, é que eu sou amigo... ou melhor, conhecido. A êle só agora o conheci pessoalmente e, devo dizer-te: não percebo como é que um homem de talento, como dizem que êle é, pode tomar a sério uma mulher!

RUY

Olha que diabo de teoria essa!

DIOGO, com ironia

Tu, com respeito a mulheres... parece-me que também tens talento...

RUY, também irónico

Muito obrigado...

JULIETA, aproximando-se dos dois, abraçada a Mariazinha

Vá jantar, Ruy! Querem ver que se esqueceu agora de que tem fome!

RUY

Não o diga a brincar!... Com a conversa já não sentia a fome!... Mas vamos lá!

DIOGO

Vamos...

Encaminham-se para a porta da casa de jantar do hotel, saindo por ela JULIETA, MARIAZINHA e depois RUY, que lhes tem dado, amávelmente, passagem. Diogo, vai também a sair de scena, seguindo Ruy, mas nesse momento, surge, vindo da escada que deve existir a meio da balaustrada do fundo, o DOUTOR.

DIOGO, depois de curta hesitação, e com amabilidade

Oh! meu caro Doutor!... Por aqui, nestas paragens?!...

DOUTOR, com correcção, mas friamente

Como está, Diogo Goldstein?

DIOGO

Felizmente bem. (Noutro tom, com interêsse) O Doutor avisou a gerência do hotel da sua chegada?

DOUTOR, com um sorriso incolor

Não venho para ficar, e... umas sandwiches fornece qualquer hotel, sem que seja necessário avisar a gerência...

Durante o diálogo vai observando tudo o que o rodeia.

DIOGO, amável, sem nunca perder a sua altivez

De-certo!... Julguei que o Doutor viesse para aqui uns dias descansar... fugindo aos clientes...

Ouve-se uma música muito alegre para dançar.

DOUTOR, ouvindo a música, tem um movimento de estranheza, retomando logo a impassibilidade

A clinica produz-me uma grande fadiga mental, é certo, mas... um médico, não tem direito a deixar de trabalhar por estar simplesmente cansado; um médico aproveita para descansar quando está doente...

DIOGO, sorrindo

Isso é que se chama ter amor à profissão!

DOUTOR, emendando, com um ligeiro sorriso

Respeito! (Noutro tom, referindo-se ao ruído da música) Depois, não me parece que êste seu estabelecimento seja o local mais azado para repouso...

DIOGO, olhando em roda com uma expressão cómica de receio

Ainda bem que estamos sós, Doutor! Se alguém soubesse que era essa a opinião do nosso primeiro especialista de doenças nervosas... Seria grave!...

DOUTOR

Falo... pelo que observo! Mas creia, Diogo Goldstein, que, infelizmente, não correriam perigo os seus interêsses, pelo facto de me ouvir qualquer pessoa. Nestes estabelecimentos procura-se agora mais o prazer do que a saúde.

DIOGO, com uma certa frieza

Para nós, proprietários, pouco interessa que os nossos hóspedes para aqui venham procurar a saúde ou o prazer. O que desejamos é...

DOUTOR, terminando a frase

... ter hóspedes.

DIOGO, sorrindo com cinismo

Exactamente!

DOUTOR

Permita-me que lhe diga que o não julgo bem orientado nesse ponto. Mas emfim! Com mais tempo discutiremos o assunto. (Noutro tom) Desejava agora que o Diogo Goldstein me desse, querendo, uma informação de que necessito...

DIOGO

Com muito prazer, meu caro Doutor...

DOUTOR, num tom grave, depois de curta hesitação

Pode dizer-me se meu cunhado... o Ricardo de Gomide, está aqui hospedado?

DIOGO, hesitando, surpreendido

Seu cunhado?!... Tem estado... sim...

DOUTOR

Tem estado... sim... quere dizer: está!

DIOGO, protestando, sem violência

Perdão!...

DOUTOR

Compreendo a sua hesitação, Diogo Goldstein, é naturalíssima!

DIOGO

Não sei porquê!

DOUTOR

Naturalíssima, repito! O Ricardo de Gomide abandonou a casa... o lar, e veio para aqui com uma comediante... Não é isto verdade?...

DIOGO

Sim... é verdade.

DOUTOR, com um sorriso amargo de ironia

Como vê, meu cunhado é uma das tais pessoas que não procuram esta casa para tratar de saúde... Ora sendo o Diogo Goldstein proprietário de um estabelecimento sério... parece-me natural...

DIOGO, interrompendo

Perdão, meu caro Doutor! Eu tenho por si a maior consideração e estou pronto a ser-lhe prestável no que quiser... Sinto, contudo, nas suas palavras e no tom em que me fala uma aspereza que me surpreende...

DOUTOR

Talvez tenha razão, talvez! Por mais que eu queira recalcar bem no meu íntimo a indignação, ela faz-se sentir nas minhas palavras...

DIOGO

Compreendo a sua indignação, mas julgo que com justiça não poderá senti-la contra mim...

DOUTOR

Eu lhe digo com franqueza... Estava-lhe, neste momento, muito grato, se meu cunhado e a mulher que o acompanha não tivessem sido recebidos neste estabelecimento. E o Diogo Goldstein teria praticado uma acção da qual seria o primeiro a beneficiar. A moralidade de uma casa destas aínda é para muita gente um forte réclame. Depois as relações que eu e o Diogo Goldstein temos mantido pela vida fora e que chegaram, mesmo, em certa época, a ser íntimas, permitiam-me esperar que o seu procedimento, por atenção para comigo, fôsse diverso...

DIOGO, interrompendo

Creia, meu caro Doutor, que só durante a nossa conversa me ocorreu que o Ricardo de Gomide fôsse seu cunhado. Se me tivesse lembrado esse facto, dava-lhes como desculpa, para não os receber, o não ter quartos disponíveis...

DOUTOR

Foi pena... Se tivessem ído para outro hotel menos luxuoso e concorrído, o escândalo seria menor... (Noutro tom) Em que andar se instalaram êles?

DIOGO

No primeiro.

DOUTOR, com espanto

No primeiro?! Mas devem ser caríssimas as instalações!

DIOGO

Bastante caras, sim...

DOUTOR, com sincera mágua

Ora veja se é justo... se não é para causar indigna-

ção... ver um homem abandonar a família em más circunstâncias, tendo meios para poder viver aqui! É isto precisamente que eu venho recordar ao Ricardo... (Caindo em si e como arrependido) Mas desculpe, Diogo Goldstein, que o meu nervosismo me levasse a referir-me a um assunto que pouco pode interessá-lo...

DIOGO, frio mas delicado

Estou absolutamente ao seu dispôr... (Noutro tom) Deseja falar ao Ricardo, não é verdade?

Vai ao fundo, olhando para a esquerda

DOUTOR

Para isso vim, e já não fiz pequeno sacrifício!

DIOGO, apontando na direcção por onde depois devem entrar Leonor e Ricardo

Pois não tem o Doutor mais do que esperar aqui uns instantes... (Estendendo-lhe a mão) Dê-me o meu caro amigo as suas ordens...

DOUTOR, apertando friamente a mão de Diogo

Êle vem aí?

DIOGO

Vem aí já...

Faz ligeira mesura; encaminha-se para a porta da casa de jantar e sai; mas, daí a pouco, surge por detràs das vidraças do guarda-vento, a observar o que se passa na scena.

O Doutor, usando da luneta, olha em várias direcções com absoluta calma, emquanto não aparecem Leonor e Ricardo, que o não vêem logo.

LEONOR entra pela esquerda com RICARDO.

LEONOR, aparentando vir fatigada

Eu bem te disse que não poderia ir até lá ao cimo, meu amor! A minha saúde não vale nada, podes crer!... São os nervos que me agüentam... que me sustém de pé... Estou cansadíssima e subimos tão pouco!

RICARDO, contrariando-a para a animar

Ainda assim!... (Noutro tom) Embora te sintas neste momento um pouco cansada, não te fez mal o passeio... Quási nunca andas... (Vendo o Doutor e fitando-o com sobresalto) Aquele homem... aquele homem é meu cunhado!...

LEONOR, apertando primeiro muito o braço de Ricardo e logo repelindo-o, moralmente esmagada

Teu cunhado!...

RICARDO, buscando energia e tentando acalmar Leonor

Leonor!... Espera um instante, sim?... Tenho que ir falar-lhe...

LEONOR, sem poder vencer o despeito, quási brusca

Pois vai... anda!... Vai!... Quem to impede?!...

O Doutor, que está virado a três quartos para a platea, volta-se para o fundo quási ao mesmo tempo que Ricardo o reconhece, vendo-o, ainda, soltar-se do braço de Leonor. Depois de curta hesitação dá vagarosamente uns passos na direcção de Ricardo.

RICARDO, adiantando-se e a custo mantendo o aprumo, estendendo a mão ao Doutor

Tu, aqui!...

DOUTOR, envolvendo Leonor e Ricardo no mesmo cumprimento feito com o chapeu, ligeiramente

Aqui! (Afastando com delicadeza a mão que Ricardo lhe oferece) Não

estamos em circunstâncias de poder estreitar as nossas mãos, Ricardo! Pelo menos... por emquanto.

RICARDO, ainda brando

Como queiras. (Noutro tom) Dirás!... (Para Leonor) Perdão!

Leonor, altiva, responde com um gesto de repulsa, virando-se quási de costas para os dois, ouvindo, contudo, atentamente o que êles dizem. Diogo observa a scena através dos vidros do guarda-vento da casa de jantar, aparentando cuidado em não ser visto.

DOUTOR

Tu, que me conheces bem, deves já supor que só motivos fortes me obrigariam a procurar-te.

RICARDO, tentando estar calmo

Sim... é de supor...

DOUTOR

Um, principalmente, e que só a ti diz respeito, me resolveu a vir... Venho falar-te ao coração, Ricardo!

RICARDO, numa grande tortura moral, procura os olhos de Leonor, que desvia os seus na mesma atitude altiva

Vens falar-me ao coração, e começas por recusar a mão que te ofereço... vexando-me?!

DOUTOR

Não foi essa a minha intenção, acredita!... Não me importaria até de estreitar-te nos meus braços, se estivessemos sós. Não morreu ainda de todo em mim o afecto que me mereceste... Aqui... num parque de um ho-

tel... não te apertei a mão, receando que alguma pessoa, que me visse fazê-lo, pudesse julgar que aceito de bom grado a situação ridícula em que colocaste alguém muito do meu sangue e a quem muito estimo e respeito.

RICARDO, embaraçado

Talvez fôsse melhor subirmos e conversarmos lá em cima...

DOUTOR

Talvez, sim.

RICARDO, timidamente

Leonor! Seria melhor subirmos... Tu podias ir uns instantes para o teu quarto...

LEONOR, sem o encarar, muito despeitada

Vai!... vai tu!.. Eu fico.

RICARDO, apoquentado

Aqui... sòzinha?!

LEONOR, com aspereza mal disfarçada

Que tem?! Fico muito bem sòzinha. (Entre dentes) Vou-me acostumando...

RICARDO, quàsi suplicante

Leonor!...

LEONOR, na mesma

Que é?!... Vai, anda!... Eu espero-te... ou... lá irei ter depois...

RICARDO, muito abatido

Como queiras... (Para o doutor) Subimos, então, sim?...

DOUTOR, sem encarar Leonor, leva contudo a mão ao chapéu

Sim...

Dirige-se para a direita baixa, sobe pausadamente os degraus e sai.

RICARDO segue o Doutor e, antes de sair de scena, tendo já subido os degraus, procura ainda trocar um olhar com Leonor, o que ela evita. Leonor que se tem conservado de pé, mal saem os dois dá mostras de um grande abatimento, e sentando-se deve dar a impressão, primeiro duma pessoa moralmente aniquilada, depois de que, pouco a pouco vai vencendo a prostração, e, finalmente, fixando os olhos num ponto, fica meditando até que Diogo lhe desperta a atenção.

DIOGO, que tem observado tôda a scena, oculta-se emquanto Ricardo vai sair e, reaparecendo em seguida, continua a observar a atitude de Leonor. Instantes depois de ver Leonor sentar-se, entra em scena e caminha vagarosamente para ela, que só o pressente junto do banco em que está sentada.

DIOGO, num tom de voz onde há respeito e ternura

Leonor!...

LEONOR, levantando a cabeça e olhando Diogo francamente

Que me quere, Diogo?! Não consente que eu fique aqui uns instantes sòzinha... tranqüilamente?!

DIOGO com um sorriso carinhoso

Tranqüilamente!?

LEONOR

Sim! Tranqüilamente.

DIOGO

Eu calculo bem qual é neste momento o seu estado d'alma, Leonor!... Não estaria tranqüila... mesmo que eu não me tivesse aproximado de si...

LEONOR, com uma certa altivez, impaciente

Que sabe da minha vida?!

DIOGO, na mesma atitude

O que, da sua vida, tôda a gente sabe... O que todos conhecem da vida de uma grande artista! Infelizmente, a Leonor nunca me confiou segrêdo algum... Que felicidade para mim ser ao menos... seu confidente!...

LEONOR, apoquentada mas dominando-se

Diogo, peço-lhe!... Deixe-me só!

DIOGO

Consinta que lhe não obedeça já...

LEONOR

Quere então que eu me vá daqui...

DIOGO

Não!... Peço-lhe que não vá!... Há cinco dias que estamos vivendo na mesma casa e... só hoje me atrevi a aproximar-me. E porque a vi sòzinha... abandonada...

LEONOR, com um sorriso de desdém, altiva

Abandonada?!

DIOGO, fingindo pela intenção que não tinha terminado a frase

... abandonada à sua dor...

LEONOR, na mesma

Oh!... Essa agora!... Também sabe das minhas dores?!

DIOGO

Pelo menos de uma... daquela que neste momento mais a faz sofrer... sei!

LEONOR

Ah! sim?!... Sabe?!...

DIOGO

Sei!... (Significativamente) O coração não perdoa nunca que o chamem à realidade... à vida, se está sonhando delicias... e durante estes cinco dias tem sido delicioso o sonho do seu coração, Leonor!

LEONOR, com um movimento de quem quere retirar-se

Diogo, deixe-me!... Peço-lhe!

DIOGO, estorvando-lhe delicadamente a passagem

Um momento mais, apenas... (Num tom de voz onde há sinceridade e ternura) Já que não consente que a ame... deixe ao menos que a sirva...

LEONOR

Servir-me?... Como...?!

DIOGO, na mesma

Aplanando o seu caminho da felicidade... (Noutro tom, com vivacidade) Não lho tenho feito já, desde que chegou?... Não o percebeu ainda?!...

LEONOR

Percebi...

DIOGO

E não lhe merece alguma simpatia a minha atitude... o meu modo de proceder?...

LEONOR, com grande sinceridade, olhando francamente para Diogo

Se eu tivesse a certeza de que procedia desinteressadamente... sim!... a sua atitude era-me muito simpática... Mas eu conheço-o há seis anos, Diogo!... Conheço bem as suas intenções... a sua espantosa persistência...

DIOGO, interrompendo

O que só prova a sinceridade dos meus sentimentos!...

LEONOR, continuando

Acredite que se consenti em vir para êste hotel foi porque, até aqui chegar, ignorava que o Diogo tivesse interêsses ligados a esta casa... Depois não me opus a compartilhar dos favores que nos fêz para não lançar no espírito do Ricardo de Gomide uma suspeita de que as nossas relações não tivessem sido sempre as mais honestas...

DIOGO, num tom lisonjeiro de admiração

Compreendi tudo! Conheço-a!

LEONOR, com resolução, firme

E agora, Diogo! se deseja, como diz, merecer a minha simpatia... aplanar o meu caminho de felicidade... continue a não se aproximar de mim e... deixe-me passar já... já!

DIOGO

Não a interessa então saber alguma coisa do que neste momento aquele corvo está grasnando aos ouvidos de Ricardo de Gomide?... (Transição, mefistofélico) Deve ser para si insuportável a presença daquela creatura...

LEONOR, absorvida e depois de ligeira pausa, com uma expressão de horror e como falando para si própria

Sim... insuportável!... horrível!...

DIOGO, aproveitando o estado de Leonor, passa para a sua esquerda, descrevendo um circulo aparatoso, diabólico, certo de que já a interessou bastante para que seja ainda necessário impedir-lhe a passagem

E que plano feroz êle traz!...

LEONOR, com interêsse

Um plano?!...

Olha com franco interêsse para Diogo.

DIOGO

Sim... um plano que eu conheço em parte...

LEONOR, sentando-se

Conhece... Como?!...

DIOGO

Por êle próprio... Foi mesmo o cunhado do Ricardo que me informou das suas intenções... do que vinha fazer...

LEONOR

Ah! disse-lhe êle mesmo!...

DIOGO

Sim... (Com a intenção de produzir uma impressão aterradora no espírito de Leonor) Quere levá-lo para casa...

LEONOR

Levá-lo... ? (Com um sorriso nervoso) O Ricardo não é uma criança...

DIOGO, como animando-a

Claro! Não se trata de uma criança!... E estou certo que o Ricardo de Gomide a não ser obrigado... não irá! Não tenho direito a duvidar do sentimento forte que a Leonor lhe inspirou... Calculo por mim!... (Como quem reflecte) Mas o plano é tremendo!

LEONOR, impaciente

Mas que pode ser?!...

DIOGO

O cunhado vem pedir-lhe dinheiro...

LEONOR

Dinheiro?!...

DIOGO

Sim, dinheiro!... Calcula que o Ricardo o não tenha... ou tenha pouco, e julga, com certa esperteza, de que será o melhor meio para...

LEONOR, encostando a fronte cançada à mão e vagamente

Para quê?!...

DIOGO

Para o obrigar a partir... para o separar de si...

LEONOR, muito absorvida

Ah!...

DIOGO, numa explosão de sinceridade

Leonor !... O acaso se às vezes nos traz dificuldades, por vezes também nos auxilía ! Ora... por um acaso feliz... (Em tom de áparte) Não se ofenda, peço-lhe, com o que vou dizer-lhe ! (Continuando a idea) Por um acaso feliz... no meu escritório... na saleta que eu tive o prazer de lhes ceder para gabinete de trabalho, está o meu cofre...

LEONOR, interrompendo

Que quere dizer ? !...

DIOGO

Pedi-lhe que se não ofendesse !

LEONOR

Não continue, então...

DIOGO

Suplico-lhe que me oiça !... Sei quanto é orgulhosa !... Pois bem, Leonor ! se o seu orgulho fôr posto á prova na luta que, possívelmente, terá de travar com essa criatura antipática que lá está em cima... lembre-se de que o meu cofre tem a porta simplesmente encostada... e que para a abrir não tem que me avisar... Sirva-se do que lá está como se fôsse seu e não se deixe vencer por falta de recursos !... Pela vida fora... até à morte... temos tempo de fazer contas !...

LEONOR, levantando-se

Agradeço-lhe, Diogo, mas não posso aceitar o que me oferece.

DIOGO, num tom de lástima

Será tão grande a antipatia... o rancor que tem por

mim, que prefira ser vencida pelos seus inimigos, a utilizar-se dos meios que lhe ofereço para os vencer? (Despeitado, animando-se) Que mal lhe fiz eu?!... Qual é o meu crime, afinal?!... Admirá-la por ser uma grande artista?!...

LEONOR

Não!

DIOGO

Desejá-la por ser a mulher mais interessante que conheço?!

LEONOR

Sim!... por isso!

DIOGO, continuando

Mas haverá algum homem que a não deseje?!...

LEONOR

Que, pelo menos, se não tenha atrevido a dizer-mo, há! (Com grande convicção) Se eu um dia aceitasse o seu dinheiro, Diogo! ou o de qualquer outro homem que eu soubesse me desejava... para amante, não o roubaria! Entregava-me imediatamente!

DIOGO, num tom de súplica

Não faça essa afirmação, Leonor!

LEONOR

Posso jurar-lho!

DIOGO, como acima

Não jure, Leonor!... Não jure!... Sabe lá o que vai

ser a sua vida daqui a pouco! (Com uma grande ternura) Não se ofenda e... consinta que eu lhe torne a dizer que a porta do meu cofre está simplesmente encostada... Noutro tom, solene) Ninguém o saberá!...

LEONOR, tem um movimento de impaciência, que logo reprime, e depois num tom calmo mas firme, a terminar

Adeus, Diogo!

Encaminha-se para a porta da direita, sobe vagarosamente os degraus e sai.
Diogo curva-se galantemente, dando a impressão que envolve o público no cumprimento.

FIM DO 1.º ACTO

ACTO SEGUNDO

Um gabinete de trabalho, mobilado com severidade e muito bom gôsto. A meio do fundo uma larga janela de sacada sôbre o parque, através da qual se adivinha o luar iluminando as árvores e o fundo do scenário de montanhas; ao fundo direito, muito disfarçado, um cofre pequeno, embutido na parede e guarnecido com uma pequena prateleira onde há *bibelots*, para tornar o cofre o menos visível que possa ser. Ao fundo esquerdo, uma estante ou qualquer outro móvel que convenha. Portas à esquerda alta e baixa; outra à direita baixa, mas diferente das outras e de um só batente, que dá para os aposentos de Leonor e de Ricardo. À esquerda da scena, uma mesa de trabalho e várias poltronas; à direita, obliquando, um grande sofá *maple* ou *divan*. Quadros nas paredes. Sôbre a mesa de trabalho um candieiro eléctrico ilumina a scena.

RICARDO DE GOMIDE e o DOUTOR, ambos de pé junto da mesa de trabalho do gabinete.

RICARDO, ao subir o pano, olha uns instantes numa atitude abstracta para o Doutor, que o fixa impassível e depois, com resolução, tira a carteira do bôlso, e da carteira uma porção de notas, que conta

Um... dois... três... quatro... Uma... duas... três... quatro... cinco e seis. (Reunindo num maço as notas contadas) Quatro e seiscentos. (Entrega as notas ao Doutor) É tudo o que tenho neste momento! Não paguei ainda a conta do hotel e, depois de paga, não deve restar-me quási dinheiro algum... (Significativamente) Êle aparecerá, ou desaparecerei eu

DOUTOR, franzindo a testa

Desaparecerás... como?

RICARDO

Como deve desaparecer um homem que não perdeu ainda a noção de todos os deveres.

DOUTOR, sorrindo com uma vaga ironia

Suicidando-te?

RICARDO

Se fôr preciso.

DOUTOR

Tu não te suicidarás nunca!

RICARDO, com amarga ironia

Talvez! (Com azedume) É melhor não discutirmos o assunto... tanto mais que, emquanto eu estiver vivo, a razão está do teu lado.

DOUTOR

Literatura... sempre literatura, Ricardo!

RICARDO

Literatura?! Em quê?!

DOUTOR

Em tudo o que dizes! Em tudo o que fazes!

RICARDO

Quando nos dedicamos com sinceridade a uma pro-

fissão é natural que isso aconteça! Julgas que se não dá o mesmo comtigo?

DOUTOR

É certo; mas... não se trata de mim neste momento.

RICARDO

Sim... e depois... esquecia-me de que a tua personalidade é sempre indiscutível...

DOUTOR

Sempre que não vem a propósito...

RICARDO, com ironia

E como és um homem que não erra nunca na vida...

DOUTOR, interrompendo e com severidade

Errarei muitas vezes, mas não foram os meus erros que aqui me trouxeram e, nesta ocasião, se alguém errou...

RICARDO, atalhando, exaltado

Fui eu!... Eu sei!... Escusas de mo repetir!

DOUTOR

O que fizeste e estás fazendo é... mais que um êrro...

RICARDO, com exaltação crescente

Também sei! Pois bem! Estou expiando êste crime desde a primeira hora em que o pratiquei!

DOUTOR, com delicáda ironia

Hás de convir que não é dura a expiação!

RICARDO, segurando o Doutor pelos ombros, de frente, exaltadissimo

Olha bem para mim!... para a minha cara! Assim! Estás vendo?!... Responde! Que vês tu? Apelo para a tua sciência! Suplico-te que sejas sincero! Que observas pela minha expressão? Parece-te que tenho levado há dois meses uma vida de felicidade?... Não te mostram estas rugas bem fundas tudo quanto eu tenho sofrido?! Dize!

DOUTOR, observando-o

Sim... de facto vê-se que tens sofrido... (Noutro tom, com vivacidade) Mas custa a compreender! Não tens tu a vida que preferiste? Não foi em busca da felicidade que abandonaste a tua casa... a tua mulher... a tua filha?!... Emfim! não gostas tu, muito, dessa mulher com quem vives?!

RICARDO, vagamente, absorvido

Sei lá se gosto, ou não... (Senta-se prostrado) Alucina-me! Não sei mais nada!

DOUTOR, batendo-lhe de mansinho no ombro

Ricardo! tu estás doente!... Muito doente...

RICARDO, concordando, francamente

Muito!

DOUTOR

Ora se tu próprio concordas em que estás doente... o que tens a fazer é tratar-te!

RICARDO, tristemente

Tratar-me?! Como?

DOUTOR

Em primeiro lugar... regularizando a tua vida.

RICARDO, com desânimo

E posso eu regularizar a minha vida!?

DOUTOR, tentando animá-lo

Podes, sim! Ainda há instantes, tu declaraste não saber mesmo se gostas dessa mulher...

RICARDO

Sim... e então?!

DOUTOR

Então, é preciso que te convenças de que é o teu espírito fantasista em excesso, quási alucinado, que pròdigamente lhe empresta tôdas as virtudes que lhe observas, tôda a beleza que lhe encontras! Quando a tua razão está escrava dos teus sentidos: adora-la! Quando a tua carne está satisfeita e a razão predomina: odeia-la! E aqui tens por que não chegas a saber que sentimento ela te inspira.

RICARDO

Ainda que assim fôsse... Que importa que só me prenda a esta mulher o que de belo a minha fantasia lhe emprestou, se a verdade é não haver fôrça no mundo capaz de me separar dela?!

DOUTOR, calmo, persuasivo

Pois uma única fôrça é necessária!

RICARDO, duvidando

Qual ?

DOUTOR

A vontade!

RICARDO, com um frouxo de riso nervoso

A vontade!... (Convicto) A vontade só é forte nos que não sentem... nos que passam a vida a calcular... Para quem sente e sofre, a vontade só pode ser a de abrandar o sofrimento por um instante que seja!

DOUTOR

Isso não é bem assim.

RICARDO, com vivacidade, excitado

Não é?! Leva um homem morto de sêde para junto duma fonte. Acredita alguém que êsse homem consiga ter uma vontade tão forte que o impeça de beber... ainda que saiba que se o fizer morrerá? Não! Ninguém acredita!

DOUTOR, interrompendo, e com firmeza

O teu caso é diferente!

RICARDO, impetuosamente

Sim! O meu caso é diferente, é pior!... Quem tem sêde só é escravizado por um sentido... (Com rancor, numa excitação de louco) Esta mulher conseguiu escravizar-me todos os sentidos! Preciso constantemente de vê-la!... de escutar a sua voz!... de respirar o seu hálito!... de sentir, emfim, a sua carne! ... Oh! que inferno o meu! Sei lá o que é vontade!

DOUTOR, depois duma pausa, triste

Pelo que dizes, não devemos ter esperança alguma em que um dia voltes para casa?

RICARDO

Suplico-te que não mo preguntes ¡

DOUTOR

Não to preguntarei, mas ouve, Ricardo. Recordo-me ainda dos teus primeiros tempos de casado. Cheguei a sentir remorsos por ter contrariado o casamento, tão felizes os via, tão grande era a ternura com que tratavas a tua mulher! Como desapareceu todo êsse sentimento?!

RICARDO, pensando, e com tristeza

Êsse sentimento não desapareceu, transformou-se.

DOUTOR, surpreendido

Transformou-se?!

RICARDO, com sinceridade, mas mostrando repugnância em falar do assunto

Sim, depois que nasceu a minha filha...

DOUTOR

Compreendo que o nascimento de tua filha pudesse transformar, (Emendando) alterar o teu sentimento por tua mulher, mas, para o tornar mais forte, mais respeitoso, e não...

RICARDO, interrompendo, com vivacidade

E quem te diz que assim não sucedeu? E que todo

o mal não provém dêsse sentimento se ter tornado respeitoso em excesso?!

DOUTOR

Custa a acreditar.

RICARDO, interrompendo

Não duvides, peço-te! (No mesmo tom de grande sinceridade) Eu vi nascer a minha filha, vi-a criar ao peito da mãe. Durante meses eu assisti a êsse espectáculo sagrado de duas carnes unidas, uma nutrindo a outra! E de tal modo, no meu espírito, uni também mãe e filha no mesmo sentimento de ternura e de respeito... tornou-se tão igual a maneira de querer a ambas... que nunca mais consegui diferençar, depois, a minha afeição por cada uma delas...

DOUTOR, que tem ouvido a fala de Ricardo com a maior atenção

Que seria do mundo, Ricardo, se todos os homens que casam, sentissem como tu! Sim, se depois do nascimento do primeiro filho, tivessem a sensação mental de que era... por assim dizer... incestuosa a sua vida de casados!

RICARDO

Tens razão! Sem dúvida alguma que tens razão. (Com mágua, sincero) Quantas vezes me tenho lamentado por não sentir... e por não pensar como todos os homens casados!

DOUTOR

Pois fazes mal! Só deves lamentar o teres casado! Quando compreendeste que eras um artista, que a Natureza te havia diferençado da maior parte dos homens na inteligência e na sensibilidade, devias ter previsto

que a felicidade suprema da tua vida, só poderias alcançá-la, praticando livremente a tua arte até atingir a glória... e nunca em ser pai de um grande rancho de filhos! (Animando-se progressivamente) Aqueles que a Natureza destina para continuadores da espécie, dá-lhes outra inteligência mais em conformidade com as suas funções neste mundo. Oh! a Natureza, sim, nunca erra! Tudo compensa! Tudo equilibra! Nós, por vezes, é que trocamos tudo.

RICARDO, com entusiasmo

Sim!... sim!... deve ser assim!

DOUTOR

Haverá artistas que tenham tornado feliz a mulher com quem casam... quando essa mulher, como a tua, à semelhança das mulheres de outras eras, se transforma numa verdadeira escrava e, sendo escrava, é feliz! (Com grande emoção) Mas repara agora, Ricardo, que crueldade, que enorme deselegância moral é a do homem que abandona uma mulher destas, por uma outra, para quem o amor é uma função secundária e... (Com um sorriso desdenhoso) nada espiritual.

RICARDO

Queres dizer com isso...?

DOUTOR

Que o afecto que a tua amante tem por ti, não pode ser o principal objectivo da sua vida e que tu sacrificaste por êle a felicidade da tua mulher!

RICARDO

É uma afirmação arbitrária!

DOUTOR

É uma afirmação lógica.

RICARDO

Sabes, porventura, quantos sacrifícios esta mulher tem feito por minha causa?

DOUTOR

Não sei, de-certo.

RICARDO, com vivacidade, fátuo

Por mim, deixou o filho que adora!

DOUTOR

E quem te diz que, sentindo ela o desejo de acompanhar-te, o sacrifício não seria o ter ficado com o filho, como era seu dever?! Depois, não terá ela já deixado o filho, quando faz as suas excursões artísticas? Deixou-o agora para fazer uma excursão amorosa. (Com grande naturalidade) Não vejo nisto sacrifício!

RICARDO, irritado, tomando calor

E ter rescindido um contrato, para me acompanhar, o que lhe dá um prejuízo de uns poucos de contos?! Não será também um sacrifício?

DOUTOR, carregando a expressão

Oh! isso agora já é mais sério! Nesse acto... já há um sacrificio. (Noutro tom, com certa aspereza) Como pensas tu indemnizar essa mulher?!

RICARDO, impaciente

Se ela esperasse indemnização, não haveria sacrifício!

DOUTOR, grave, paternal

Ricardo! Ricardo!... É preciso dominares essa vaidade que te cega! Acorda! A tua amante, rescindindo um contrato por tua causa e tendo um prejuízo... o prejuízo não foi mais do que o preço por que pagou um capricho! e... esse capricho és tu! Repara bem que ela não fez sacrifício algum... o que sacrificou foi a tua honestidade!

RICARDO, protestando, com violência

Vê o que dizes!

DOUTOR, fitando-o, e com energia, mas calmo

Vê tu o que fazes! (Ligeira pausa, e depois, noutro tom) Ouve! Eu sei, pelo que tenho visto, que esta mulher, a tua amante, é uma actriz de valor, uma verdadeira artista. Pois bem! (Frisando muito as palavras) Pede-lhe que abandone a sua carreira, que se não exiba em público, que deixe o teatro e passe a viver exclusivamente para ti... que te faça, emfim, o sacrifício da sua arte! (Com um ligeiro sorriso, intencional) Se ela o fizer, crê no seu amor! acredita que és a razão da sua vida! Até lá...

RICARDO, interrompendo, hesitante, e sem grande convicção

Tenho a certeza de que deixaria o teatro, se eu lho pedisse!

DOUTOR, com o mesmo sorriso

Faze então a experiência, mas procede de modo que ela se convença de que é sincero o teu desejo. Sim! não representes mal de propósito. Recalca bem o teu amor próprio... e verás!

RICARDO, aparentando fadiga

É inútil!

DOUTOR, insistindo

Experimenta... e até lá não creias ser para ela mais do que um homem... como foi o outro de quem teve o filho, ou ainda serás menos, se êsse homem foi o primeiro que conheceu!

RICARDO, esforçando-se por mostrar energia

Oh! como tu estás sendo injusto! O homem de quem teve o filho era um canalha que ela detestava!

DOUTOR, mostrando-se surpreendido

Era um canalha? Detestava-o? Como distingue, então, essa mulher, amorosamente, um homem de bem de quem gosta, se teve um filho de um canalha que detestava? (Paternal) Toma conta, Ricardo, que ela te não dê também um filho... para que em nada te pareças com o tal canalha...

RICARDO, num grito de impaciência

Já basta! (Noutro tom, quási suplicante) Pelo amor de Deus, não me martirizes mais!

DOUTOR, animando-se-lhe a fisionomia

E sabes por que te martirizo? Porque tens ouvido falar a tua consciência pela minha bôca.

RICARDO, vencido, num tom de súplica

Deixa-me, peço-te!

DOUTOR, com uma expressão bondosa que contrasta bem com a atitude anterior

Nada mais direi! Vou deixar-te, e sinto-me quási

alegre ! Levo comigo a esperança de que não virá longe o dia em que tu, junto de tua filha e daquela para quem tu és tudo na vida, me dirás: Tinhas razão ! Nesse dia a tua consciência falará pela tua própria bôca ! (Despedindo-se) Adeus !

RICARDO, levantando-se ràpidamente

Adeus !

Estreitam demoradamente as mãos, fitando-se comovidos.

DOUTOR, numa atitude muito familiar, quási carinhosa, onde não deve transparecer já o mìnimo ressentimento

Antes de partir, queria lembrar-te de que a tua filha faz anos amanhã.

RICARDO, com sobresalto

Amanhã ? ! (Concentrando as ideas e logo muito comovido) Sim ! É verdade ! Faz dez anos a minha filha !

DOUTOR, com uma grande naturalidade

A mãe, impensadamente, prometeu-lhe que tu irias vê-la... Calculo que te não seja fácil. Se lá fôsses, arranjavam-se as coisas de modo que só te encontrasses com a pequena. Poderiam, até, levá-la ao meu consultório...

RICARDO, reflectindo, embaraçado

Sim, podia ser assim...

DOUTOR

Era muito bom que fôsses... Desde que saiste de casa, nunca mais aqueles nervos socegaram...

RICARDO, com grande interêsse

E julgas isso de gravidade?!

DOUTOR, muito natural, sem pretender, de modo algum, influir pelo exagêro, no espírito de Ricardo

De gravidade, não! Contudo, é preciso não esquecermos... (Sorrindo intencionalmente) de que ela é tua filha! Qualquer pequena contrariedade a exalta... deixa de comer, enfraquece. Emfim, é preciso ter cuidado. Vendo-te, de-certo melhoraria.

RICARDO

Pois bem, vou fazer todo o possível...

DOUTOR, interrompendo

Eu bem sei que a viagem é dispendiosa, mas tu, querendo, poderias aproveitar hoje o meu automóvel e voltar...

RICARDO, atalhando, hesitante

Não... não!... No teu automóvel, não!

DOUTOR, muito conciliador

Compreendo. Não pode ser. É justo que não queiras ir comigo.

RICARDO, intencional

Era desagradável.

DOUTOR, depois de curta reflexão

O melhor, Ricardo, é eu deixar-te o dinheiro que me entregaste.

Leva com resolução a mão à carteira.

RICARDO, comovido e impedindo-o de tirar a carteira

Não ! não !

DOUTOR, insistindo

Entregarei igual quantía em tua casa, e tu ficar-me hás devendo êsse dinheiro.

RICARDO, sempre comovido e num tom de grande admiração

A tua bondade vexa-me ! (Continuando a recusar) Não ! Deixa-me entregue às minhas dificuldades... tanto mais que me lembrei agora de que ainda tenho um recurso imediato.

DOUTOR, muito sincero, bondoso

Para que hás de exgotá-lo ? !

RICARDO, abraçando-o de lado, enternecido

Obrigado ! Não insistas mais, peço-te !

LEONOR, assoma à porta da esquerda alta.

DOUTOR, sem vêr Leonor

Vais, então ?

RICARDO, vendo Leonor, hesitante

Vou fazer tudo quanto possa para ir.

DOUTOR, estreitando muito fraternalmente a mão de Ricardo, e, tendo já visto Leonor, impedindo-o de que êle o acompanhe

Não venhas comigo, peço-te !

Dirige-se para a porta da esquerda alta, curva ligeiramente a cabeça, ao passar por defronte de Leonor, e sai.

LEONOR, que tem correspondido, afastando-se com sobranceria, ao cumprimento do Doutor, depois duns instantes de silêncio

Aonde tencionas ir?

RICARDO

Aonde, naturalmente, não vou. E tu, onde estiveste?

LEONOR

Onde me deixaste.

RICARDO, com pena pouco sincera, preocupado

Oh!... Coitada!

LEONOR, sacudida, vagamente irónica

Não tenhas pena... Estive bem!

RICARDO

Sempre no parque, sòzinha?!...

Começa meditando e a prestar pouca atenção a Leonor.

LEONOR, observa-o sem o encarar francamente

Sim, quási todo o tempo. Quando vi que te demoravas, subi e fui para a sala pequena, daí a pouco apareceram a Julieta e a filha, e estivemos conversando. Coitadas... (Notando que Ricardo quási a não ouve e, propositadamente, falando cada vez mais baixo) A pequena é tão fraquinha! Faz pena, não faz?

RICARDO, na mesma atitude, respondendo maquinalmente

Faz.

LEONOR, como anteriormente

Depois... lutando com falta de recursos. Para poder estar sempre junto da filha, deixou o teatro.

RICARDO, mostrando que a última frase lhe despertou a atenção

Ah! deixou?!

LEONOR, não querendo perder a ocasião de censurar Ricardo

O que tens tu?!... Estás preocupado?!

RICARDO

Sim... um pouco. O meu cunhado deu-me notícias... Lembrou-me, por exemplo...

LEONOR, interrompendo, e com aspereza

Pelo amor de Deus! Eu não quero saber nada do que o teu cunhado te disse!

RICARDO, tentando serená-la

Então continua o que estavas dizendo!

LEONOR, com um sorriso irónico

Tu nem me ouvias!

RICARDO

Enganas-te! Ouvi tudo! Dizias que a Julieta tinha deixado o teatro por causa da doença da filha.

LEONOR, aparentando tranqüilidade

Deixou. Ela, também, fez do teatro um modo de vida como outro qualquer. Nunca teve paixão pela arte!

RICARDO, atalhando com vivacidade

E que tivesse paixão!? Para tratar duma filha, julgo...

LEONOR, interrompendo e com grande entusiasmo

Oh! quando a paixão é verdadeira!

RICARDO, já exaltado

O quê?! Tu crês que possa haver uma mulher, por muito artista que seja, que vendo uma filha doente?...

LEONOR, interrompendo, quási bruscamente

Que te interessa isso?! Dize-me cá aonde vais, ou aonde tencionavas ir?

RICARDO, depois de curta hesitação

Ver minha filha.

LEONOR, reservada

Ah! Ver a tua filha!

RICARDO

Que teria isso de extraordinário?!

LEONOR

Nada!

RICARDO

Tem estado doente e... seria só ir e voltar!

LEONOR

E foi o teu... (Emendando) e foi êsse homem que aí esteve quem to disse?

RICARDO

De-certo!... Não poderia receber noticias por outro modo!

LEONOR

Por uma carta...

RICARDO

Não são horas do correio.

LEONOR

Trazida por mão própria...

RICARDO, impaciente, mas querendo dominar-se

E quem me escreveria?!

LEONOR, quási desabrida

Sei lá!

RICARDO

Descansa que ninguém me escreveu.

LEONOR, com ironia

Estou descansada. (Noutro tom) E quando tencionas ir?

RICARDO

Não sei ainda se vou. Mas, resolvendo ir, teria de saír daqui amanhã de manhã cedo...

LEONOR, mostrando-se muito surpreendida

Amanhã, já?! Oh!...

RICARDO

A pequena faz amanhã dez anos... Aproveitava darlhe a alegria de me ver... no dia dos anos! Não há nisto mistérío algum.

LEONOR, fitando Ricardo com penetração e descansando a mão sôbre o seu ombro

Tu vais... e não voltas! Diz-mo o coração!

RICARDO, contrariado

Acabou-se! Não irei!

LEONOR, enérgica

Oh! isso vais! Sou eu que o exijo!

RICARDO

Exiges?!

LEONOR, mudando de atitude, mais branda mas irónica

Sou eu que to peço! A tua filha faz anos, está doente... deves ir ve-la! Tens o dever de ir. (Muito intencional) E tu sabes bem que iràs. A tua loucura nunca te levará a uma grande deselegância, e não ires, podendo fazê-lo, seria grave. (Sorrindo com ironia) Até eu não to perdoava! Vê lá!...

RICARDO, com uma insinceridade flagrante

Fiz mal, já vejo, em ser franco contigo.

LEONOR, como acima, irónica

Talvez, mas já que foste franco...

CRIADO, assomando à porta da esquerda alta

Vossas excelências dão licença?

RICARDO

Diga.

CRIADO

O senhor Ruy Manuel manda preguntar ao senhor Ricardo de Gomide se poderia recebê-lo. Desejava muito falar com vossa excelência.

RICARDO, satisfeito, animando-se

Com muito prazer! Diga ao senhor Ruy Manuel que o fico esperando.

CRIADO, faz mesura e sai pela esquerda alta

RICARDO

Queres conhecer êste rapaz? Foi um grande amigo meu.

LEONOR,

Para quê? Não há vantagem. Que te quererá êle?!

RICARDO

Não sei. Não posso calcular! (Vendo que Leonor se encaminha para a porta da direita) Quando êle se fôr, chamo-te.

LEONOR, saindo pela direita

Pois sim.

RUY, fora da scena, junto da porta da esquerda alta

Posso entrar, Ricardo?

Entra em scena.

RICARDO, indo ao encontro de Ruy, com vivacidade

Entra! entra!

RUY, abraçando Ricardo

Tu desculpa vir maçar-te.

RICARDO

Ainda bem que me apareces! Adivinhaste o meu desejo!

RUY, sorrindo significativamente e olhando em roda como a certificar-se de que estão sós

Então, em plena lua de mel, hein?! Tu não te convenças de que és bonito... lá por teres sorte com as mulheres! Vales pelo que lhes dizes. Depois essa cara cançada, olheirenta, é já uma promessa!... (Reparando atentamente em Ricardo) Mas agora a sério: estás velho, Ricardo! Tu és a minha vergonha! Lembra-te de que tens só mais um ano do que eu!

RICARDO

Que hei de eu fazer?! (Noutro tom) Senta-te.

RUY

Não posso demorar-me.

RICARDO

Uns instantes apenas. (Sentam-se) Não imaginas como fiquei satisfeito que me tivesses procurado! Estava para te mandar chamar e faltava-me a coragem. Sentia assim como vergonha de o fazer!

RUY, brincando

Bem diziam os nossos condiscípulos que tu eras maluco!

RICARDO, tentando sorrir

Tinham talvez razão!

RUY

Não! isso não tinham! Tens dado provas de que de maluco não tens nada; agora que és diferente das outras pessoas, isso és! Então compreende-se lá que tivesses vergonha de me mandar chamar? a mim?!

RICARDO, com uma tristeza cada vez mais acentuada

Sim, tens razão! Não se compreende muito bem. Nós éramos como irmãos... Mas depois as nossas vidas levaram caminhos tão diversos, e a minha tão cheia sempre de contrariedades!

RUY, observando-o

E neste momento que tens tu?! Que desânimo é esse?! (Com muito interêsse) Tiveste alguma sensaboria cá no hotel?

RICARDO

Não, não!

RUY

Se tiveste, dize, que tudo se aplana! Não sei se sabes que eu sou um dos sócios desta emprêsa d'aguas (Noutro tom; mostrando-se orgulhoso do cargo por brincadeira) Já tenho, até, gerido o estabelecimento na ausência do Diogo!

RICARDO

Ah! isso não sabia. Depois da guerra criaram-se tantas emprêsas que quem, como eu, não anda metido na finança, nada sabe do que se passa nestes meios...

RUY, com grande franquesa

Que queres então de mim? Di-lo francamente! (Num tom de voz mais baixo, com delicadeza) Trata-se de dinheiro?

RICARDO, embaraçado

Sim, trata-se de dinheiro, e isso é o bastante para explicar todo o meu enleio. O dinheiro só me não vexa quando me desfaço dêle, e o pior é que êle tem por mim igual antipatia.

RUY

Quanto precisas? Dize.

RICARDO

Espera.

Tira a carteira do bôlso e de dentro duma divisão da carteira mais reservada, uma pedra pequenina, embrulhada em papel de sêda, que se supõe ser um brilhante.

RUY, sorrindo, curioso, ao ver desembrulhar a pedra

Que mistério é êsse?

RICARDO

Não é mistério. (Entregando a pedra ao Ruy sôbre o papel de sêda) É um brilhante.

RUY, observando a pedra com atenção

E que lindo brilhante!

RICARDO

Herdei-o. Tencionava, agora, mandar fazer com êle um anel e dá-lo à Leonor, mas a minha vida transtor-

nou-se de tal fórma que, antes de lho dar, necessito que êle me sirva de caução. E não queria que a Leonor soubesse. Desde que pensei em dar-lho não o considero meu.

RUY, franzindo a testa

Mas querias tu que êle te servisse de caução a quê?

RICARDO

A um empréstimo de seis a sete contos que tu me farás, querendo...

RUY, franco, quási rude

Toma lá o brilhante! Eu faço-te o empréstimo, mas não preciso de caução!

RICARDO, sincero

Se me queres ser agradável e fazer-me o empréstimo, guarda o brilhante na tua mão até que eu possa pagar-te.

RUY, formalizando-se

Se tens prazer em me ofender, insiste!

RICARDO, sorrindo

Desculpa. É êste o meu feitio. Seja então como tu queres. (Noutro tom) Daqui a vinte dias ou um mês, se te não puder pagar, vendo o brilhante e liquida-se o assunto.

RUY, entregando-lhe o brilhante

Tu liquidarás o assunto como puderes e quizeres, Mas dize-me: não tencionavas partir para o Brasil? O Diogo disse-me...

RICARDO, interrompendo

Sim, tencionava, mas hoje... (Enrugando-se-lhe a fronte, pensativo) resolvi adiar a partida.

RUY, rindo

Acabas por não ir!

RICARDO, com desânimo

Tudo é possível. Veremos. Neste momento não sei nada.

RUY

E quanto dinheiro queres tu? Sete contos, não é?

RICARDO

Sim, podendo ser, sete contos.

RUY, tira a carteira e vê o dinheiro que tem

Aqui na carteira não tenho dinheiro que chegue. Mas tudo se arranja, vais ver!

Levanta-se e encaminha-se para o cofre, tirando ao mesmo tempo o molho das chaves da algibeira das calças; ao ehegar junto do cofre verifica que as letras do segrêdo estão na disposição justa para poder meter a chave. Mete a chave, mas, puxando logo a porta, tem a sensação verdadeira de que o cofre estava aberto.

Tem graça! A porta do cofre estava simplesmente encostada!

RICARDO

O Diogo Goldstein deixa-o, algumas vezes, aberto. Eu bem sei que esta saleta é o seu escritório, mas

julgo que o faz por requinte de amabilidade para connosco.

RUY

Talvez, sim... Êle é muito dessas coisas. (Rasga a cinta de um maço de notas que se supõe ser de mil escudos, tira sete ràpidamente, e a seguir encosta a porta do cofre) Também a não fecho. (Sorrindo) Não quero ser menos amável para vocês do que o Diogo! (Como falando para si próprio) Agora quando fôr para baixo quero avisá-lo de que tirei êste dinheiro. (Vai junto da mesa que serve de secretária, tira um sobrescrito timbrado do estabelecimento e mete dentro dêle o maço de notas; depois, indo junto de Ricardo, entrega-lhe o sobrescrito) Aqui tens. Conta, se queres.

RICARDO, que se tem sentado de costas para o cofre, levanta-se no momento em que Ruy lhe entrega o sobrescrito

Para quê?! Está certo, com certeza. (Num tom de grande reconhecimento) Obrigado, Ruy! Salvaste-me dum grande embaraço!

Guarda o dinheiro na algibeira de fora do casaco.

RUY

Pelo amor de Deus! Não me agradeças nada. (Estendendo-lhe a mão a despedir-se) Queres tu vir comigo por aí abaixo?

RICARDO, com interêsse

Tu vais hoje para baixo?

RUY

Vou já.

RICARDO, pensando

Eu tencionava ir amanhã de manhã...

RUY

Só levo o *chauffeur;* se queres aproveitar, resolve isso depressa. (Animando-o) Anda, vem! (Sorrindo) Pede licença e vamo-nos embora!

RICARDO

Espera então um pouco.

RUY

Espero, mas vê lá, não te demores muito!

RICARDO

Não demoro... Se não fôr, mando dizer-to lá abaixo.

RUY, apertando-lhe de novo a mão

Está dito. Até já.

Sai pela porta da esquerda alta.

RICARDO, numa atitude hesitante, medita uns instantes; depois vai junto da porta da direita alta, abre-a e chama:

Leonor! Leonor!

LEONOR, fora de scena

Lá vou. (Entra passados instantes) E afinal, que te queria?

RICARDO

Nada! Fomos muito amigos, soube que eu estava cá e quis falar-me. É natural.

LEONOR, com indiferença

É.

RICARDO, tentando vencer o embaraço

E foi bom ter-me procurado.

LEONOR

Por quê ? !

RICARDO, na mesma atitude

Eu te digo... Caso tu, de-veras, te não importes que eu vá ver a minha filha...

LEONOR, sem poder vencer o despeito, interrompendo

Já te disse que não me importa nada !...

RICARDO

Bem, nesse caso, aproveitava ir hoje de automóvel com Ruy, chegava de madrugada, descansava um pouco em qualquer parte, depois ia ver a pequena, dava umas voltas que tenho a dar, á tarde metia-me no comboio e estava aqui depois de amanhã de manhã.

LEONOR, muito perturbada

Mas a tua filha está assim tão doente ?

RICARDO

Não ! Felizmente, não ! Por que me perguntas isso ? !

LEONOR

Pela pressa que tens de ir vê-la.

RICARDO, sentido

Não te disse já, também, que é amanhã o dia dos seus anos ? !

LEONOR, desorientada, brusca

Ah! sim, é verdade, os anos! Desculpa, já me não lembrava. (Noutro tom, reservada) Vais, então, já?...

RICARDO

Sim, para ir com o Ruy, tenho que ir já. Está lá em baixo à minha espera, à espera da minha resposta.

LEONOR, estendendo-lhe a mão, como a despedir-se

Então, adeus!

RICARDO, com uma certa dureza

Já me despeço! Vou ainda aqui ao quarto. Tenho de levar a maleta de mão e o sobretudo. (Conciliador) Não achas que leve o sobretudo?

LEONOR, com indiferença

Oh! de-certo!... (Com um frouxo de riso irónico) Jà vai fazendo frio, muito frio até!

RICARDO sai pela porta da direita.

Leonor, que se tem sentado, mal Ricardo sai, dá a perceber o seu grande despeito; levantando-se, vai à campainha que está na parede do fundo e toca. Emquanto espera o criado, deve mostrar, pelo intenso nervosismo, a luta que se está travando no seu espírito.

CRIADO, assomando à porta da esquerda alta, e depois de ligeira mesura

Vossa excelência chamou?

LEONOR

Chamei, sim. Olhe, faça favor, vá dizer à senhora

D. Julíeta, se ela estiver só com a filha, que eu lhe pedia muito que viesse conversar comigo um bocadinho, sim?

CRIADO, solícito

Sim, minha senhora.

Sai pela esquerda alta.

Leonor, que se tem aproximado da porta da esquerda alta para falar ao Criado, quando êste acaba de saír, atravessa a scena, devagar, e dirige-se para a porta da direita, por onde entra RICARDO.

RICARDO, entra em scena trazendo o sobretudo no braço, numa das mãos o chapéu e na outra uma maleta de viagem, colocando tudo numa cadeira que deve estar à entrada da scena junto à porta; aproximando-se de Leonor, tenta beijá-la com ternura, a que ela não corresponde; muda, então, de atitude, beijando-a simplesmente na testa

Até depois de amanhã?

LEONOR, imóvel, gelada

Sim, até depois de amanhã.

RICARDO, fitando-a, carinhoso

Por que te despedes de mim com tanta frieza?!

LEONOR, num desabafo que não consegue reprimir

Porque sinto gelado o coração! Quando me resolvi a seguír-te, a ser a tua companheira, não pensei, ou melhor, não atendi como devia, que tu não eras um homem livre, e que mais tarde ou mais cedo o meu orgulho havia de ser cruelmente esmagado! Chegou hoje o momento.

RICARDO, mostrando-se surpreendido

O teu orgulho sofre porque eu vou ver a minha filha?! Não vês tu o teu filho quando queres?!

LEONOR, enraivecida, segurando o pulso de Ricardo

O meu filho não vive com o pai! (Com desespêro, quási gritando) Com quem vive a tua filha?

RICARDO, tentando mostrar sinceridade

Afirmo-te que só vou ver a minha filha.

LEONOR, dominando-se por completo e despedindo-o

Não afirmes nada, e vai lá, vai, que está o teu amigo à espera!

RICARDO, tirando o sobrescrito com o dinheiro da algìbeira de fora do casaco e entregando-o a Leonor

Guarda isto bem, Leonor.

LEONOR

Que é?!

RICARDO

Dinheiro. Tudo quanto temos até chegarmos ao Brasil, mas se te fôr preciso, tira daí.

LEONOR, com um ar de desconfiança

Preciso para quê?!...

CRIADO, entrando pela porta da esquerda alta e depois de ligeira mesura

A senhora D. Julieta vem aí já.

LEONOR, guardando o sobrescrito no seio

Está bem.

CRIADO faz mesura e sai

RICARDO, contrariado

Mandaste chamar a Julieta ? !

LEONOR

Mandei.

RICARDO

Para quê ? !

LEONOR

Para não passar êste bocado da noite sòzinha.

RICARDO

Mas a Julieta não é uma mulher com quem tu te possas dar !

LEONOR

Não vejo a razão ! É uma antiga companheira de trabalho. Tem tido faltas na sua vida ? E eu não as tenho, também ? !

RICARDO

Leonor, peço-te que me não fales assim ! Não pareces a mesma.

LEONOR, interrompendo, intencionalmente

Também tu me pareces diferente, hoje. Hoje ! ? De há bocado para cá.

RICARDO

Que tolice!

LEONOR, com tristesa

Não é tolice, acredita! Tu não te vês. Estás com a vontade mais marcada. Estás mais enérgico!

RICARDO, num tom em que não procura muito convencê-la

Ilusão tua.

JULIETA, fora de scena, junto da porta da esquerda alta

Posso entrar, Leonor?

LEONOR, baixo, para Ricardo

A Julieta!

RICARDO, beijando de novo Leonor que lhe oferece a testa, conservando-se imóvel

Adeus! Lembra-te de mim. Até depois de amanhã!

Sai apressadamente pela direita, levando o sobretudo, o chapéu e a maleta.

JULIETA, elevando a voz

Estás aí, Leonor?

LEONOR, falando para fora da scena

Entra! Entra, Julieta.

JULIETA, entrando pela porta da esquerda alta, traz no braço um vistoso robe de chambre

Aqui tens o teu lindo robe de chambre. E já lhe tirei os moldes. É elegantíssimo!

LEONOR

É bonito, não é? Põe-no aí, em qualquer sítio.

JULIETA, pondo o robe de chambre em qualquer parte onde fique bem visível, depois de o ter aberto para o dobrar convenientemente e de modo que o público o fixe

E lindo! (Noutro tom) Estás só?

LEONOR, abraçando-a, nervosa

Só. Ainda bem que vieste! Estava tão triste! Olha, senta-te aqui ao pé de mim e vamos conversar muito. Vamos recordar os nossos antigos tempos!

JULIETA, recordando o passado

Bem maís alegres do que os de hoje!

LEONOR, tentando atordoar-se

Façamos de conta que estamos no ensaio à espera que nos chamem. Esperando a *deíxa* para entrarmos em scena! É de algum modo representar.

JULIETA, surpreendida

Tens assim tantas saudades do teatro?!

LEONOR, muito sincera e cada vez mais enervada

Umas saudades horríveis! Que falta me faz o público, êsse público que eu adoro e a que devo tudo quanto sou! Oh! como eu sinto inútil a minha vida quando não represento...

JULIETA, com estranheza, interrompendo

Inútil a tua vida? Mas tu és mãe!... tu és amante!

LEONOR, atalhando e com um grande orgulho

Eu sou actriz! (Pausa. Com os olhos fixos e num nervosismo crescente) Durante o tempo que não estou a representar, reparo melhor em mim, e vendo-me tal qual sou, sinto-me tão miserável! (Não podendo reprimir um ataque de chôro convulso, Tão desgraçada!

JULIETA, apoquentada, afagando-a com carinho

Oh! meu Deus! Que tens tu? Por que choras, Leonor? (Ocorrendo-lhe a causa da apoquentação) Onde está o teu homem? Aonde foi o Ricardo?...

LEONOR, retomando pouco a pouco a energia

A casa.

Julieta, com certa timidez, discreta.

A casa dêle?

LEONOR

Sim. Disse-me que ia ver a filha

JULIETA, sincera, tentando impor conformação

Ah! isso é natural!

LEONOR, quási brusca

Natural, o quê? (Com um frouxo de riso sarcástico) Bem acredito eu que êle fôsse a casa só por causa da filha!

JULIETA

Por que não hás de acreditar?! (Muito confidencial, com mágua) Receias talvez que êle, vendo a mulher, se...

LEONOR, tapando-lhe a bôca com os dedos, impedindo-a de continuar e num tom quási de repreensão

Pelo amor de Deus!

JULIETA

Mas êle é bom, não é?

LEONOR, sincera, tristemente

Sim, é bom!

JULIETA, sorrindo

Então?!

LEONOR, sacudida

Então? Pior!

JULIETA

Pior? (Compreendendo) Ah! sim! compreendo.

LEONOR

Se o coração o não trouxer, não é a bondade por certo que o fará voltar aqui!

JULIETA

Seja como fôr! Verás que volta!

LEONOR, com orgulho, numa exaltação crescente

E que não volte! O que eu não tolero, com o que não posso conformar-me, é em estar à espera dêle nesta incerteza. Oh! não! É preciso começar a esquecer! É preciso que êle saiba, se agora não voltar... (Com um sorriso de orgulho quási feroz) que eu também já o não esperava! (Ouve-se música para dançar. Ligeira pausa) Música, ainda a esta hora?! Há festa hoje, cá?...

JULIETA

Há baile; não sabias?!

LEONOR

Não, não sabia.

JULIETA

Há sim... E deu-se até qualquer trapalhada nas màquinas da electricidade. O Diogo teve de lá ir, reforçar não sei o quê... Uma maçada, coitado! porque ainda é longe!

LEONOR

Dize-me, Julieta, tu não te zangas se eu te perguntar...

JULIETA

Pregunta o que quiseres!

LEONOR

O Diogo é teu amante?!

JULIETA

Oh! não, Leonor! Qual amante! Devo-lhe favores, (Sorrindo significativamente) e eu também lhos tenho feito... Amante, não! O Diogo comigo distrai-se, depois a minha pequena precisa dêstes ares. Vivo aqui quási de graça. É assim, acredita!

LEONOR

Julguei...

JULIETA

Não; se fôsse, dizia-to; que me importava dizer-to! Agora, já que me falaste no Diogo, sempre te digo...

LEONOR

O quê?

JULIETA

... que êle anda mesmo louco por ti!

LEONOR

Ora! conheço-o bem! E ainda conheço melhor essa loucura dos homens! Depois de nós lha curarmos, dão-nos boa paga, não haja dúvida! (Muito absorvida, sem poder disfarçar o rancor) Olha o Ricardo o que me está fazendo!

DIOGO, fora de scena, junto da porta da esquerda alta

Pode-se entrar?

LEONOR, baixo

O Diogo!

MARIAZINHA, fora de scena também

Mãezinha! estás ai?

JULIETA, com ligeiro sobressalto e para fora da scena

Estou sim, minha filha! Entra! (A Leonor) Tu dás licença?

LEONOR, solícita, falando para fora de scena

Entra, Mariazinha!

MARIAZINHA, entra pela esquerda alta e vai com ternura abraçar-se à mãe; a seguir entra DIOGO pela mesma porta.

DIOGO, ainda junto à porta

E eu? posso entrar também?

Aproxima-se de Leonor que está bastante à direita da scena.

LEONOR, quási amável

O Diogo não precisa de licença, êste gabinete é seu.

DIOGO, baixo, quási ao ouvido de Leonor e num tom de voz em que deve transparecer comoção

Por que não diz: nosso?

LEONOR, sorrindo, com aparente indiferença, sem o encarar

Se isso lhe é agradável, posso dizer: nosso.

DIOGO, dando uma grande iutenção sensual às palavras que pronuncia demoradamente

Como não há de ser-me agrádavel ouvir da sua bôca uma palavra que a ambos nos envolve na posse...

LEONOR, afastando-se e atalhando repreensivamente, mas sorrindo

Continua?

DIOGO

Se consente, vou até ao fim.

LEONOR

Não há então maneira de ter juízo?

DIOGO

Há. Quando a não vejo...

JULIETA, desabraçando-se da filha

Que me querías, tu, Díogo? Diz a Mariazinha que foste procurar-me ao quarto.

DIOGO

Fui e encontrei-a muito triste, sòzinha. Foi ela que me pediu que a trouxesse aqui; se assim não fôsse, não me atreveria a vir importuná-las!

JULIETA

Com certeza...

DIOGO

Acredita que não viria...

JULIETA

Pois acredito! Mas que querias?

DIOGO

Que aparecesses no baile.

JULIETA

Não, Diogo, desculpa. A Leonor está só esta noite e eu prefiro ficar a fazer-lhe companhia.

DIOGO

É verdade! Está só, Leonor!

LEONOR

Estou, sim... mas por pouco tempo.

DIOGO

Até depois-de-amanhã. Sei que a Leonor, infelizmente, nos deixará nesse dia.

LEONOR, disfarçando a surprêsa

Ah! sabe?! Falou com o seu amigo Ruy Manuel.

DIOGO, sorrindo, com um ar reservado

Não. Quando agora cheguei, já êle se tinha ido em-

bora, e sem se despedir de mim! Vi ainda a luz dos faróis do automóvel, mas já a desaparecer na curva da estrada. Um empregado é que me disse que o Ricardo de Gomide tinha ido com êle, e que a Leonor partia depois-de-amanhã...

LEONOR, num tom de dúvida

Ah! falou só com o seu empregado e foi por êle que soube tôdas essas novidades?

DIOGO

Foi.

JULIETA, obedecendo a um impulso íntimo, interrompe o diálogo a que não tem prestado atenção

Olha, Leonor, eu ia ao baile, se tu também fôsses.

LEONOR, que está preocupada, não ouvindo o que Julieta disse

Quê, filha?!

JULIETA

Que só vou ao baile se tu fôres.

LEONOR

Eu!? Deus me livre! Mas tu vais para acompanhar a Mariazinha.

MARIAZINHA

Não, minha senhora; eu não quero ir. Não posso dançar; até me faz pena.

JULIETA, cuidadosa

Meu amor! Sentes-te mal?!

MARIAZINHA

Sinto-me assim cansada, mas de quê, nem sei!

JULIETA, abraçando a filha

Valha-me Deus!

DIOGO

Isso não é nada! É preciso não nos deixarmos caír em melancolia! Vão ver como num momento a Mariazinha melhora. (A Julieta) Todos êsses receios desaparecem e (A Leonor) tôda essa tristeza se dissipa!

Encaminha-se para o fundo e vai tocar à campainha.

JULIETA, surpreendida

Que vais fazer?!

DIOGO

Tentar diverti-las!

Carrega no botão da campainha várias vezes até que apareça o criado.

LEONOR

Divertir-nos?!

DIOGO, com grande vivacidade

Sim! Uns bolos, champagne e um licor que é um encanto, um filtro que eu guardo como um avarento, e que hoje vai tocar em lábios que o merecem. (Para Leonor, em tom de graciosa súplica) Não se opõe, não?

LEONOR

Como hei de opor-me?!

DIOGO

Mas diga-me que a não contrario.

JULIETA

Não te contraria, não é verdade?

LEONOR, acedendo sem contudo mostrar entusiasmo

Não.

DIOGO

Magnífico! Confesso que não esperava que acedesse, Leonor!

LEONOR

Julga-me muito semsaborona?

DIOGO

Está brincando!

LEONOR

Então, por quê?

DIOGO

Porque recusa sempre o que lhe ofereço.

LEONOR

Como vê, nem sempre.

DIOGO, vendo o criado

Ah!

O CRIADO aparece à porta da esquerda alta, faz vénia; Diogo vai ao seu encontro e fala-lhe baixo, dando ordens.

LEONOR, aproxima-se de Julieta, que está sentada no primeiro plano da esquerda da scena, e, muito enervada, senta-se também

Şeduz-me a idea do champagne.

JULIETA

Gostas muito de champagne?

LEONOR

Gostava muito de esquecer! (Pegando na mão de Julieta e com uma grande tortura íntima) O Ricardo não volta, Julieta! Não volta!

JULIETA

Que idea! Verás como te enganas!

Ficam pensativas; Julieta acarinhando Leonor. Diogo vai ao cofre, abre-o, tira uma chavinha de uma gaveta mais reservada, e, ao fechar a porta do cofre, repara que houve alteração num dos maços de notas. Olha de relance para Leonor; deixa o cofre aberto e entrega a chave ao criado, que se tem aproximado. Vendo que o não observam, conta discretamente o dinheiro. O CRIADO tem saido mal recebeu a chave.

LEONOR, depois de uma pausa, durante a qual devem ser observados pelo público todos os movimentos de Diogo, indicados na rubrica antecedente, obcecada pela mesma idea e num tom de voz baixa, cheia de dor e convicção

Não, Julieta! Não volta! e o Diogo sabe que êle não voltará!

JULIETA

O Diogo?!

LEONOR, pensativa

Sim, o Diogo! Como hei de conseguir que êle me diga tudo o que sabe?

JULIETA

Queres que te deixe só com êle?

LEONOR, com uma certa hesitação

Não, por emquanto, não.

JULIETA, depois duma curta pausa em que parece reflectir e mostrando cuidado em não ser ouvida por Diogo

Daqui a pouco a pretexto de ir deitar a Mariazinha, vou e não torno cá.

LEONOR

Não, era uma maçada para ti, não quero.

JULIETA

Isso não é para nós, Leonor. Eu sei ser amiga. Não torno cá, percebes?... Confessa-o à tua vontade.

DIOGO, encosta a porta do cofre, sem o fechar à chave, e aproxima-se das duas com um grande ar de satisfação, fitando Leonor

Parece-me que hoje tudo me tem corrido com felicidade.

LEONOR

Parece-lhe?! Não tem a certeza?!

DIOGO

A certeza ainda não. Desconfio sempre tanto da felicidade...

LEONOR

Nesse caso deve andar sempre desconfiado. O Diogo é um homem feliz.

DIOGO

Sério, Leonor?! Julga que devo considerar-me um homem feliz?

LEONOR

De-certo. Não consegue na vida quási tudo que deseja?

DIOGO

Quási tudo, disse; se dissesse tudo, considerava-me feliz.

LEONOR, gracejando em tom de censura

Que ambição!

DIOGO, exagerado

Não há maior que a minha! (Intencional, fitando-a) Depois... possuir um homem tudo o que deseja, menos aquilo por que daria tudo o que possui, é o mesmo que não ter nada, e não ter nada, nunca deu a felicidade a ninguém!

O CRIADO entra pela esquerda alta, trazendo uma salva com bolos, champagne numa geleira, uma garrafa de licor, taças e copos necessários.

LEONOR, com simplicidade cómica

É então um pobrezinho!

DIOGO

Sim, não mangue, um pobrezinho! (Rápido, intencional) Mas com esperança de enriquecer! (Numa exclamação, vendo o criado) O licor!

Indica ao criado a mesa onde deve colocar a salva e dispõe-se a servir. O criado abre a garrafa de champagne e enche as quatro taças.

LEONOR, pegando na garrafa de licor

Quere que o sirva?

DIOGO

Redobrará de sabor servido pelas suas mãos.

LEONOR

Talvez que perca a virtude que tem.

DIOGO

Talvez. Para ganhar outra maior.

LEONOR

Julieta! a Mariazinha toma licor?

JULIETA

Muito poucochinho.

MARIAZINHA

Eu não quero, minha senhora, muito obrigada.

JULIETA

Então deita para mim.

Leonor serve-a

O CRIADO tem enchido as quatro taças e sai pela esquerda alta.

MARIAZINHA

Quero antes champagne.

Pega numa taça e bebe, dando, instantes depois, a impressão de que ficou perturba da.

LEONOR, servindo Diogo

E eu também.

DIOGO

O quê?! Não quere provar o licor?

LEONOR

Primeiro vou tomar uma taça de champagne. Eu e o champagne somos amigos velhos...

Põe a garrafa de champagne na salva e, pegando numa taça, bebe

DIOGO

Ah! nesse caso está êle em primeiro lugar! Não devemos ser ingratos para com os velhos amigos...

LEONOR, pousando a taça e tirando um bolo

De-certo.

JULIETA, tendo provado o licor

E tu nunca me tinhas dado êste licor?! Parece impossível!

LEONOR

É bom?

JULIETA

Óptimo! Talvez um pouco forte... mas que delícia! (Para Diogo) Não te envergonhas?

DIOGO

Se te não dei, acredita que não foi por te não con-

siderar merecedora de o beberes, nem tão pouco por sovinice. Não me lembrei.

LEONOR, que tem deitado licor num copo

Vou provar.

Bebe.

DIOGO, observando o efeito

Que tal?

LEONOR

Oh! muito bom; mas que forte!

DIOGO

Acha?

LEONOR

Muito.

MARIAZINHA

Ó mãezinha, eu queria ir deitar-me.

JULIETA

Já? Que tens?

MARIAZINHA

Nada. Sinto-me um pouco tonta. Vens comigo e depois voltas.

LEONOR, indo junto de Mariazinha

Foi do champagne. Passa num instante.

Beijam-se, despedindo-se.

DIOGO, para Julieta, baixo

Voltas?

JULIETA, num tom de entendimento

Não.

Abraça-se à filha e dirigem-se ambas para a porta da esquerda alta.

LEONOR, para Julieta

Tu não te demoras, não é verdade?

JULIETA, num tom de grande sinceridade.

Não!

Sai com MARIAZINHA pela esquerda alta.

DIOGO, depois de curtos instantes de silêncio

A-pesar-de me sentir muito feliz por poder gozar da sua companhia, não creia, Leonor, que me regozijo com a sua contrariedade.

LEONOR, fitando-o com um sorriso irónico

Está representando comigo? Não escolhe boa ocasião.

DIOGO

Prefere que bemdiga a sua contrariedade porque ela me proporcionou tê-la junto de mim esta noite?

LEONOR

Sim! Prefiro que, de qualquer modo, seja franco.

DIOGO

A franqueza nem sempre é delicada...

LEONOR

Oh! não receie ofender-me... (Noutro tom, imperiosa) Como soube que eu partia depois-de-amanhã?

DIOGO

Pelo empregado da Caixa a quem o Ricardo de Gomide pagou a conta do hotel.

LEONOR, surpreendida

O Ricardo pagou a conta hoje?!

DIOGO

A conta de ambos até hoje e adiantadamente a sua até depois-de-amanhã.

LEONOR, com voz alterada, enérgica

Isso não é verdade!

DIOGO

Dou-lhe a minha palavra de honra.

LEONOR

O empregado enganou-se; fez confusão.

DIOGO

Se assim fôsse, como poderia eu saber que a Leonor partia depois-de-amanhã?!

LEONOR

Eu não parto depois-de-amanhã; nesse dia volta o Ricardo.

DIOGO, num tom muito marcado de incredulidade

Ah ! volta ? ! (Com mal disfarçada ironia) Nesse caso é possível que tenha pago a conta por uma questão de escrúpulo excessivo. Receando qualquer eventualidade que o impedisse de voltar...

LEONOR, fitando-o com desdém

Você nunca gostou de uma mulher, já vejo !

DIOGO

Não a compreendo !

LEONOR, orgulhosa

Que eventualidade impediria o Ricardo de voltar para junto de mim, a não ser... sei lá, um desastre !

DIOGO

Mas diz muito bem ! Eu penso assim.

LEONOR, provocadora

Então ? !...

DIOGO, calmo, muito significativamente

Mas eu sou um homem livre !

LEONOR, quási desabrida

Tanto melhor para si ! O Ricardo é um homem preso a mim

DIOGO

No entanto tem coragem para a deixar.

LEONOR

Porque foi ver a filha que está doente!

DIOGO, depois de curta reflexão

Ora aí está! Tem a filha doente! Tudo se explica assim. Nada mais natural que a filha, piorando, o impedisse de voltar.

LEONOR, reflectindo

Seria um desastre, mas o Ricardo teria repugnância em pagar a conta, prevendo êsse caso. Deve haver engano.

DIOGO

Leonor, creia que não procuro aumentar o seu aborrecimento, mas disse-me que fôsse franco e vou ser franco até à crueldade! Quere ouvir-me?

LEONOR, tem-se encostado à mesa, de cara para o público, com os olhos fixos num ponto, e bebendo goles de Champagne

Quero.

DIOGO

Como explica a Leonor que, para uma ausência de dois dias, o Ricardo de Gomide precise de levar tôdas as malas?

LEONOR, muito surpreendida

Tôdas as malas?!

DIOGO

Sim! Pediu para lhe mandarem pelo combóio uma mala grande que estava lá em baixo, e levou êle mesmo no automóvel duas malas pequenas que julgo estariam no seu quarto. Não as viu levar?

LEONOR, que tem ouvido a fala, contendo a custo os nervos, dirige-se para a porta da direita

Não, não vi! (Junto da porta por onde sai) Já volto.

Diogo, emquanto Leonor está fora de scena, vai à porta da esquerda alta e fecha-a à chave, voltando depois ao meio da scena. LEONOR passados instantes reentra pela mesma porta por onde tem saido e vai sentar-se junto da mesa, profundamente abstracta, numa atitude de aniquilamento moral.

DIOGO, depois de uma pausa grande, e procurando dar a impressão de uma crescente emoção

E diz, Leonor, que eu sou feliz! Eu não sei de que grandeza deve ser a vaidade... (Emendando) o orgulho de um homem que consegue inspirar a uma artista com o seu nome, do seu valor, uma paixão tão forte, que a leva a tolerar paciente, humilde, a maior afronta que uma mulher pode receber! (Leonor principia a ouvi lo, saindo do alheamento em que estava, e esboça um movimento de protesto, mas Diogo acode logo) e diz a Leonor que eu sou feliz! Que será então um homem que o seu coração distinguiu entre todos os homens e que não a adora de joelhos! (Com grande exagêro) e que não vive rojado aos seus pés, e que, pelo contràrio, esmagando o seu orgulho, vai ao primeiro chamamento lançar-se nos braços de outra mulher, (Frisando muito as palavras) bela também! (Sentimental) e também desgraçada!

LEONOR, indignada, levantando-se de um salto

Mente! Êle foi a casa só para ver a filha!

DIOGO

E com quem vive a filha?!...

LEONOR, fitando-o enraivecida

Vive com a mãe, bem sei... (Com impetuosidade, rancorosa) Com a mãe, que eu não preciso de saber se é bela ou

se é ascorosa, se é desgraçada ou feliz! (Com insolência) Entendeu?

DIOGO, com um sorriso levemente desdenhoso

Entendi! Entendi, agora, perfeítamente, mas custou-me, confesso! Ao seu coração de mulher basta para contentá-lo o que o Ricardo puder dispensar-lhe...

LEONOR, fitando-o com ódio

Canalha!

DIOGO, sem se exaltar

Oh! que palavra feia! Nunca esperei ouvi-la de ninguém; não sonhava que a sua bôca pudesse nunca proferi-la contra mim! Canalha!... Canalha, por quê? Por ter procurado por todos os meios ao meu alcance livrá-la desta situação desagradável?! (Com grande sinceridade aparente) Que me chamaria, então, se eu, de qualquer modo, em vez de lhe oferecer os meios para vencer uma situação difícil e conservar o Ricardo junto de si, tívesse concorrido para o afastar, desejoso de a ver aqui sòzinha?

LEONOR, depois de reflectir, estendendo-lhe a mão

Perdôe...

DIOGO, comovido, beijando-lhe a mão com elegância

Não tenho que perdoar, tenho ainda que agradecer... Foi já muito boa para mim. Muito generosa para o meu coração, aceitando o oferecimento que lhe fiz...

LEONOR, inquieta, sem comprender bem

O oferecimento que me fez?!

DIOGO, sorrindo

Sim...

LEONOR

Os bolos, o champagne, o licor ? !

DIOGO, sorrindo ao de leve, embaraçado

Folgo de a ver assim, já bem disposta !

LEONOR, séria, fitando-o com desconfiança

Não o percebo !

DIOGO, amável, sorrindo

Leonor, pelo amor de Deus ! Eu não me atrevo a contrascenar consigo... Creia que lhe agradeço, e (Com generosidade) que a desligo do seu juramento.

LEONOR, exaltando-se cada vez mais

Não o percebo, repito ! Não sei o que me agradece nem de que juramento me desliga !

DIOGO, um tanto molestado pela dureza com que Leonor lhe fala

Tanto melhor nesse caso, Leonor ! Pus o meu cofre à sua disposição... (Apontando o cofre) Dali foram tirados sete contos. Não foi a Leonor que, a meu pedido tirou o dinheiro que ali falta ?

LEONOR, sufocada pela indignação

O dinheiro que ali falta ? ! Oh ! mas que bem urdida trama ! Como há pouco, lá em baixo, lhe jurei que aceitando alguma vez dinheiro de um homem que me cortejasse, me entregaria imediatamente... (Com amarga ironia) Tendo o Diogo posto o seu cofre à minha disposição e cortejando-me... está claro que naquele cofre havia de faltar dinheiro.

DIOGO, calmo

Se a Leonor sente prazer em me insultar, não se furte a êsse prazer. Continue! Muito mais me mortificam as suas dores que as suas ofensas.

LEONOR

Basta de hipocrisia!

DIOGO

Se chama hipocrisia à delicadeza, vou então ser claro sem preocupações!

LEONOR

É exactamente o que eu quero!

DIOGO

Muito bem. (Num tom de quem está a deduzir) Não se tendo a Leonor utilizado, como lhe ofereci, do dinheiro que ali falta... alguém, sem ser a Leonor, dali o tirou...

LEONOR, imitando-lhe o tom, interrompendo

Como neste gabinete só entram, além do Diogo e do seu criado, o Ricardo e eu... (Sem poder conter bem a indignação) quem tirou o dinheiro ou fui eu... (Bate com fôrça no peito e sente sob a pressão da mão o sobrescrito; fica com a respiração suspensa, repentinamente, pela comoção e termina a frase quási sem alento) ou o Ricardo!

DIOGO, repara na comoção súbita de Leonor, com estranheza, mas disfarça e com naturalidade

Estou ouvindo.

LEONOR, reflecte, cobra ânimo e depois enérgica

Quanto dinheiro disse que faltava?

DIOGO

Parece-me que sete contos, mas eu vou contar melhor.

Dirige-se para o cofre e, ce costas para a scena, conta o dinheiro.

LEONOR, mostrando uma intenção reservada

Sim... sim... conte melhor.

Vendo que Diogo está de costas para ela, senta-se, tira ràpidamente o sobrescrito do peito, conta o dinheiro e, vendo que a quantia é a mesma que falta uo cofre, tem um movimento de hesitação, parecendo por um impulso que vai entregar o dinheiro a Diogo ; depois, reflectindo, guarda de novo o dinheiro no sobrescrito, metendo-o na sua carteira que deve estar sôbre a mesa, onde torna a pô-la. Levantando-se, põe a capa com naturalidade.

DIOGO, volta-se e encosta a porta do cofre

Tinha contado bem : sete contos ! Se a Leonor me dá licença, chamo o meu criado para lhe fazer algumas preguntas aqui na sua presença.

Encaminha-se para a campainha.

LEONOR, deixa perceber pela expressão que, num relance, mede o perigo de um escândalo ; a fisionomia alegra-se-lhe por um esfôrço, repentinamente, e voltando-se de costas para o público solta uma gargalhada, dizendo :

Não chame !

DIOGO, surpreendido

Por que ri, Leonor ? !

LEONOR, esforçando-se por continuar a rir

Para acabar esta comédia a rir ! Porque quási o con-

venci de que não tinha sido eu... o ladrão! (Já séria) Representei bem, não é verdade?

DIOGO, olhando-a uns instantes com perspicácia

Tenho a impressão de que está representando melhor neste momento...

LEONOR, desviando o olhar

Quere dizer com isso que...

DIOGO, interrompendo e continuando

... que não quero passar por tolo aos seus olhos!

LEONOR, com dureza

Explique-se!

DIOGO, com firmeza

A Leonor não tirou o dinheiro daquele cofre! Sou eu agora que o afirmo!

LEONOR, altiva, fitando-o

Quere vê-lo?!... (Num tom de vaga ameaça, contraindo os lábios num sorriso significativo, e muito industriosa) Quere que lho devolva intacto?!

DIOGO

Oh! não! Mas...

LEONOR, áspera

Mas... quê?! (Apontando a carteira com muita intenção) O dinheiro está alí... e eu... ainda aqui estou!

Vai junto da mesa e bebe mais uns goles de champagne, virada para o público, muito absorvida.

DIOGO, aproxima-se dela, pega-lhe na mão esquerda e, vendo que ela parece nem dar conta do que lhe está fazendo, vai subindo a mão até ao braço e diz-lhe com um ligeiro tremor sensual

Disposta a cumprir o seu juramento?

LEONOR, tem primeiro uma expressão de grande tortura íntima; depois enciumada, pensando no que Diogo disse acêrca da beleza da mulher de Ricardo, escapam-lhe as palavras:

...e bela também!

Toma uma expressão de ódio e fica numa grande agitação.

DIOGO, suplicante, cada vez mais sensual, compreendendo ser magnífico o momento para conseguir o fim que deseja

Responda, Leonor! Cumpre o seu juramento?

LEONOR, sempre agitada, olha em roda como a certificar-se da segurança do lugar e depois, ràpidamente, baixando muito a voz e num tom já de absoluta intimidade

Sim, mas depressa!

A capa escorrega-lhe pelos ombros até ao chão num completo abandono. Diogo olha-a com uma expressão de suprema felicidade, semi-cerrando os olhos, sem contudo ter qualquer movimento ousado até o pano baixar.

FIM DO 2.º ACTO

TERCEIRO ACTO

Aposentos de Leonor e Ricardo. Ao fundo esquerdo uma porta; ao fundo direito, tomando dois terços da parede, um arco através do qual se vê o leito com cortinas cerradas. Á direita, a meio da parede, uma janela larga; à direita alta um armario antigo; à direita baixa uma *coiffeuse*. Á esquerda baixa uma porta que pelo feitio se veja que é a mesma que no segundo acto se observa ser a da direita baixa, para assim dar ao espectador a impressão da contigüidade das salas. Ao centro da scena, a três quartos para a platea, um *divan* à frente de uma mesa com livros, ilustrações, etc. Do teto pende um candieiro electrico com grande quebra-luz.

Ao subir o pano a scena é apenas iluminada por uns raios de luar que se projectam sôbre a porta da esquerda e se difundem por tôda a sala. Ouve-se a mùsica e o sussurro do baile.

RICARDO entra instantes depois do pano ter subido, dando contudo tempo a que os espectadores tenham observado a scena. Vem com o chapéu na cabeça. Tem aberto a porta cuidadosamente e traz para a alcova a maleta de mão que coloca sôbre a mesa e outra, um pouco maior, que vai guardar no armário à direita. Faz tudo isto sempre olhando o leito e com o maior cuidado em não ser ouvido. Depois, tira o chapéu e o casaco de abafar que põe sobre o movel que lhe convier mais e, dando mostras de grande cançaço, vai sentar-se no *divan*, escondendo o rosto entre os punhos. Passados instantes deve abrir-se, também sem ruido, a porta da esquerda e por ela entra LEONOR, trazendo vestido o robe de chambre, pendente do braço o vestido que trazia anteriormente, e, enfiada no pulso, a carteira. Deita a mão ao comutador eléctrico qne deve estar junto da

porta da esquerda, dando luz ao candieiro do teto. Ricardo ergue-se de um salto ao acender da luz.

LEONOR, olha-o aterrada, mas logo, disfarçando, atira com o vestido e com a carteira para cima da cadeira que lhe estiver mais próxima

O quê? Tu?! Pois tu voltaste?!...

RICARDO, olhando-a com grande surprêsa

E tu donde vens?!... Onde estiveste?!...

LEONOR aproximando-se dêle è abraçando-o quási sem fôrças pela comoção

Ai, espera!... Já digo... Deixa-me abraçar-te! Julguei que nunca mais te veria, Ricardo!

RICARDO

Que nunca mais me verias?! E por que julgaste?! (Sacudido e afastando-a por a sentir quási despida) Estás nua?!

LEONOR, vencendo o embaraço e procurando a naturalidade no riso

Quási! A Julieta quis que eu pusesse o robe de chambre... e... sem tirar o vestido não ficava... não caía bem... (Sempre disfarçando o embaraço) Ah! mas deixa isso agora... e díze-me... como pudeste tu, em tão pouco tempo, ir e voltar!

RICARDO, acalmando-se

Não indo.

LEONOR, com muito interêsse

E porque não foste?!

RICARDO, olhando-a com ternura e emoção crescente

Porque me assaltaram umas saudades horríveis!

Um desejo irresistivel... diabólico, de tornar a ver-te ainda esta noite! (Com uma expressão de visionário) Se visses o automóvel á vinda para cá parecía voar! Tive a impressão nítida de que era o Diabo que dirigia o carro, e que eu vinha disputando a Deus o direito de te apertar nos meus braços daí a poucos instantes! (Num tom sombrio, meditando, e pausadamente) E agora que de novo estou junto de ti, não sei que pavor se apossou do meu espirito...

LEONOR, com uma expressão infantil, interrompendo, maguada

Para que me estás tirando a alegria que me deu a tua volta... confessando-me o teu remorso.

RICARDO, embaraçado

Perdoa, eu não falei em remorso.

LEONOR, sorrindo com uma expressão de bondade

Sim... a palavra não disseste... (Como acudindo-lhe uma idea) E o teu amigo voltou contigo?

RICARDO

Não; ficou em casa da noiva.

LEONOR

Em casa da noiva?! E onde mora a noiva?

RICARDO

A três léguas daqui ou pouco mais. Fomos lá direitos. Está claro, tive de o acompanhar. Que suplício! Imagina tu, estar três horas a responder a tôdas as preguntas que os pais da rapariga me fizeram, emquanto êles conversavam a um canto!

LEONOR

Que maçada !

RICARDO

Eu... doido com saudades... não pensava senão em arranjar um pretexto para não seguir... para voltar! E perguntava a mim mesmo que fôrça me tinha levado a deixar-te! (Animando-se) Felizmente, o Ruy havía-se esquecido de avisar o Diogo de que tinha tirado dínheiro ali do cofre para me emprestar...

LEONOR, como a certificar-se, um tanto nervosa, interrompendo, mas dominando-se logo

Para te emprestar?!

RICARDO, muito natural

Sim... aquele dinheiro que eu te deixei.

LEONOR, procurando mostrar-se, também, muito natural

Ah! foi êsse dinheiro?! Mas por que não me disseste nada?

RICARDO

Para que havia de dizer-te? Não era preciso.

LEONOR, concordando logo, atalhando

De-certo!... sim... não era preciso... (Mostrando grande interêsse) E depois? Pediu-te para cá voltares?

RICARDO

Depois... queria que eu esperasse que êle aqui mandasse o *chauffeur*!... E todos se dispunham já a perder

a noite muito satisfeitos. Então chamei-o de parte e disse-lhe francamente, que me desculpasse, que no estado de nervos em que estava, preferia voltar com o *chauffeur*.

LEONOR

Que bom que tu foste para mim!

RICARDO

E para mim também! Aqui tens como tudo se passou.

Tira da algibeira do fôrro do casaco uma carta e dirige-se à campainha

LEONOR

Que vais fazer?

RICARDO, parando e voltando se

Chamar o criado, para êle entregar esta carta do Ruy ao Diogo. Como houve festa, é possível que o Diogo ainda esteja a pé...

LEONOR, hesitante

O Diogo não está; saíu.

RICARDO, com estranheza

Como sabes?!

LEONOR, gaguejando ligeiramente

Muito naturalmente! Quando saía do quarto da Julieta, passava êle vestido para a caça. A Julieta preguntou-lhe para onde ia caçar àquela hora, e êle res-

pondeu que ia... não sei para onde... para qualquer sítio longe daqui. Como não me interessava, não fixei...

RICARDO

De facto, no parque estava um automóvel, com o motor já a trabalhar, que me pareceu ser o dêle.

LEONOR, aparentando grande indiferença

Sim, devia ser...

RICARDO, pondo a carta sôbre a mesa junto do *divan*

Nesse caso entrego-lhe amanhã a carta. (Notando a claridade do dia que se aproxima) Amanhã?... logo!

LEONOR, aproximando-se da janela

O sol não tarda a nascer. (Voltando-se ràpidamente e procurando uma grande naturalidade e nenhum ressentimento) E afinal sempre vais ver a tua filha?

RICARDO, hesitante

Depende ainda da disposição em que estiver à hora da partida do combóio e (Vendo as horas) o combóio parte daqui a duas horas. (Dando a impressão de que uma idea o preocupa e de que precisa desabafar) Leonor! Precisava muito de conversar contigo!

LEONOR, inquieta, mas sorrindo

Pois conversemos!

RICARDO

Tenho um plano novo de vida, sabes?

LEONOR, enervada

Um plano ? !... Assustas-me !

RICARDO

Assustas-te ? !

LEONOR, olhando-o com ternura

Se te parece... Um plano novo de vida... quando nos agrada a vida que levamos.

RICARDO, tentando fazê-la partilhar da sua animação

Mas verás que a nossa vida há de melhorar e que, de futuro, teremos uma quási completa tranquilidade de espírito !

LEONOR, sentando-se e pegando-lhe na mão

Senta-te aqui ao pé de mim... e conta-me lá êsse plano que te encanta... sem te importar que me assuste...

RICARDO, ligeiramente contrariado

E como pode assustar-te, se te afirmo que nos trará a felicidade ? !

LEONOR, procurando rir sempre muito enervada

A felicidade ? ! Oh ! mas então fala !

RICARDO

Eu nunca quis pôr-te ao facto... ou melhor, nunca tive coragem para expôr-te com clareza a minha situação... Repugnou-me sempre ter de tratar de assuntos de ordem material com qualquer pessoa... Calcula a minha

dificuldade para os tratar contigo! Impossível... quási impossível!

LEONOR, vencendo a sua grande preocupação a custo e mostrando-se interessada

Percebo isso tão bem!... Sinto tanto como tu!... Mas eu sei o que é a vida, Ricardo!

RICARDO, com convicção

Sim... a vida não é um belo sonho de arte como nós desejaríamos que fôsse...

LEONOR

E o teu plano é...? Estou com curiosidade...

RICARDO

O plano não tem complicações. O Ruy Manuel sabendo... porque eu lho disse... que os meus rendimentos eram pequenos, garantiu-me uma colocação imediata, que me dará um absoluto desafogo...

LEONOR, ràpidamente, preocupada

Uma colocação?! E a nossa ida ao Brasil?!

RICARDO, tranquilo, sorrindo

Oh! isso resolve-se com facilidade! Não iremos.

LEONOR, carregando o semblante

Não iremos?!

RICARDO

De-certo! Não temos compromisso algum por escrito nem mesmo sôbre palavra, que nos obrigue a lá ir!

LEONOR, séria

Mas... tu esqueces, Ricardo, que eu rescindi o contrato que tinha para o inverno... e que me arrisco, assim, a estar tôda a temporada sem contrato que me convenha?

RICARDO

E que importa isso?!

LEONOR, com estranheza

Que importa?!

RICARDO

Sim, que importa?!... Não estando tu a representar, a tua despesa com as *toilettes* será mínima, e eu... não faço mais que o meu dever, suportando tôdas as tuas despesas, sejam elas quais forem, depois...

LEONOR

Oh! não, Ricardo!... Isso não é possível!

RICARDO

Por que não é possivel?

LEONOR

Eu não posso sem necessidade... tendo saude... estar sem trabalhar e a ser... (Com pudor, hesitando) mantida por ti!

RICARDO, um pouco brusco

Se te dígo que me julgo no dever moral de suportar as tuas despesas!

LEONOR, com delicadeza, mas firme

E eu também me julgo com o dever moral de não aceitar esse sacrifício sem precisão!

RICARDO, vendo qne Leonor está firme no seu propósito de recusa, muda de atitude e quási terno

Acredita, Leonor, que não há para mim sacrifício, desde que possa estreitar-te contra o peito... sempre que o meu coração precise de sentir o teu.

LEONOR, olhando-o com ternura, triste

Como tu sabes enternecer-me! (Noutro tom, ràpidamente) Mas, Ricardo! Tu não receias prejudicar a tua vida mental... a tua obra... com a nova ocupação? Vê lá!

RICARDO

Qual! Bem sabes que trabalho quási sempre de noite. Qualquer das minhas ocupações materiais só me tomará tempo durante o dia.

LEONOR, concordando

Sendo assim, está bem. O meu caso é mais sério...

Fica meditando.

RICARDO

O teu caso está resolvido com o meu. (Com ligeiro mau humor) É vontade de...

LEONOR

Espera... Eu talvez possa organizar uma companhia ainda para êste inverno...

RICARDO

Que companhia?!

LEONOR, com entusiasmo crescente

Sim, uma companhia! Estou certa de que consigo reunir alguns elementos de valor e fazer uma *tournée*.

RICARDO, na mesma

Mas para quê? Tu estás fraca. O que precisas é descansar.

LEONOR, animando-se pouco a pouco

Não me fales em descansar, Ricardo! Tenho muito tempo para descansar quando morrer. Até lá preciso de cuidar da herança de meu filho. Preciso de me elevar tão alto na minha profissão, que... quando eu já não existir e o meu nome fôr proferido... não ocorram mais os meus erros de mulher que os meus triunfos, que a minha glória de artista.

RICARDO, depois duns instantes de silêncio, numa explosão de ira

Oh! como eu odeio a tua arte!

LEONOR, com espanto suplicante

Que dizes tu?! (Pegando-lhe nas mãos) Que mal te fêz a minha arte?

RICARDO, afastando-lhe as mãos

Sim! sim! Como eu odeio tudo quanto me fêz gostar tanto de ti!

LEONOR, aterrada

Mas que queres tu, afinal, que eu faça?

RICARDO, fitando-a com uma expressão aloucada

Quero que vivas para mim!

LEONOR

E eu não vivo para ti?!

RICARDO, na mesma

Não! Vives para o teatro!

LEONOR, séria, muito intencional

A mulher vive para ti.

RICARDO, com um riso irónico, insolente

Ah! a mulher... Obrigado!

LEONOR, fitando-o com severidade

Que quere dizer a tua ironia? Responde!

RICARDO

Quere dizer que de ti me ofereces aquilo que não queres que lembre depois da tua morte...

LEONOR, sentando-se, sucumbida

Não tenho mais para dar-te.

Chora convulsamente.

RICARDO, aproximando-se dela e quási suplicante, pausadamente, depois de instantes de silêncio em que só se ouve o chôro de Leonor

Leonor! Escuta... ouve-me! O teu nome é já enorme. Tu não consegues subir mais na tua arte em que és perfeita! E se desde criança até hoje só tens vivido para o teatro, por que não vives agora, exclusivamen-

te, para mim... para o teu amante, se à tua arte não podes acrescentar mais glória e se te afirmo que o teatro destruirá o nosso amor?

LEONOR, erguendo-se agitada

Vês como eu tinha razão para me assustar com o teu novo plano de vida! (Com exaltação) Que me dirias tu, se eu te impusesse não escrever mais?

RICARDO

Não diria nada.

LEONOR

Não dirias nada?!

RICARDO

Não. Compreenderia que buscavas um pretexto para me afastar de ti.

LEONOR, com vivacidade, intencional

Sim! E tinhas razão. Devias compreender que era um pretexto para te afastar de mim. (Ràpidamente, com exaltação crescente) E devias afastar-te, correndo... como quem foge do mais tirano, do mais cruel dos inimigos! (Noutro tom, ofegante, fitando-o nos olhos) Eu... devo compreender o mesmo, não é verdade?

RICARDO

Tu bem sabes que não podes compreender o mesmo.

LEONOR, franzindo o rosto, orgulhosa

Por quê?! Julgas ter mais amor à tua profissão do que eu tenho pela minha?

RICARDO

Não julgo; mas se a minha profissão fôsse como a tua é, contrária ao amor, não seria necessário que tu me pedisses para eu a abandonar.

LEONOR

Em que é a minha profissão contrária ao amor?

RICARDO

Em quê?

LEONOR

Sim!

RICARDO, com grande convicção

Em tudo... Basta que é uma profissão que obriga a quem a pratíca a ter pelo próprio corpo o desprêzo que se tem por um material vil... (Com exaltação crescente, mas concentrado, falando com voz surda, devendo transparecer uma indignação sincera) Quantas vezes uma actriz vai para a scena quási nua, ou se desnuda na scena... mais para oferecer ao público o espectáculo da sua carne... do que por uma necessidade absoluta da sua arte?

LEONOR

Já me viste fazê-lo, a mím?! Dize.

RICARDO, olhando-a com rancor

Não, e... (Com anciedade, fitando-a nos olhos) afirmas-me que o não farias nunca?

LEONOR, fitando-o, tambem com firmeza

Sem uma razão de arte forte, lógica, indiscutível, não! Mas desde que me convencesse...

RICARDO, interrompendo, exaltado

Não continues!

LEONOR, com energia

Deixa-me acabar!

RICARDO, com violência

Já sei. Desde que te convencesses que a tua nudez era indispensável à obra de arte, não hesitarias em fazê-lo.

LEONOR, com orgulho

Com certeza!

RICARDO, com convicção, firme

Pois muito bem! Eu, sendo teu amante, não consinto que o faças em caso algum!

LEONOR, mostrando-se surpreendida

Quê?!

RICARDO, na mesma

Em caso algum! E como não quero viver a teu lado com receio constante de que apareça uma peça com exigências... que a minha sensibilidade de amante não possa suportar, peço-te, suplico-te, Leonor! que optes por mim ou pelo teatro.

LEONOR, suplicante, mas com dignidade

Acalma os teus nervos, Ricardo. Pensa com serenidade. Lembra-te que no teatro sério são raras as peças com tais exigências.

RIÇARDO, com amarga ironia

E que tem que sejam raras ou freqüentes? O que importa saber para o nosso caso... é que essas peças existem e que tu as aceitas! Já me disseste as tuas ideas sôbre o assunto.

LEONOR, continuando com grande tristeza

E agora que já conheces as minhas ideas... consideras-me indigna do teu amor! Mas tu, quando me conheceste, sabias que eu era actriz... e gostaste tanto de mim! (Aproximando-se de Ricardo, passa-lhe o braço em volta do pescoço, numa atitude mais fraternal do que de amante, e fala com voz grave, cada vez mais triste) Confessa, Ricardo, que já há em ti um grande cansaço... um princípio de saciedade... Hoje pedes-me que sacrifique o teatro ao teu amor; amanhã teria de sacrificar-te a própria vida... (Muito intencional) para te libertar da minha existência!

RICARDO, abalado, procurando disfarçar com ironia

Deliras!

LEONOR, com grande convicção

Não, não deliro! Tu, pedindo-me que deixe o teatro, não procuras mais do que destruir em mim todo o encanto... a minha única beleza... e transformar-me numa mulher como tôdas... (Turvando-se-lhe o semblante ao recordar-se da beleza da mulher de Ricardo, e com rancor mal disfarçado) como tôdas as que não são belas... Emfim! numa mulher de que tu não possas gostar! (Ràpidamente) Acredita que serias menos cruel matando-me! (Como ocorrendo-lhe de súbito uma idea e olhando bem de frente para Ricardo, diz com solenidade) Juras-me guiar sempre os passos de meu filho, até que êle seja um homem... se eu morrer antes de ti?

RICARDO

Não te respondo.

LEONOR

Por quê?

RICARDO

Porque não me interessa a tua morte; interessa-me a tua vida.

LEONOR, insistindo, com firmeza

Mas responde! Juras-me?...

RICARDO, com violência

Não te respondo! Pregunto-te mais uma vez se estás ou não disposta a deixar o teatro.

LEONOR, com igual violência

Oh! não! mil vezes não!... Nem que Deus mo pedisse! (Pondo as mãos e erguendo-as para o céu) Que Deus me perdôe.

RICARDO, numa grande exaltação, rancoroso

E voltei eu aqui! Que cegueira a minha! Como pude eu, imbecil! acreditar numa mulher que tem por profissão... iludir tôda a gente!

LEONOR, muito sentida, indignada

Tu não tens direito a ofender-me dêsse modo!... Em que te iludi eu?!

RICARDO, desabrido

Ainda mo preguntas?! Em que me iludiste?! Pois

não procuras há dois meses fazer-me acreditar que sou tudo na tua vida! E afinal que sou eu para ti?!... Sim! o que sou eu?! Um amante como outro qualquer, um homem como foi o pai do teu filho... que tu escolheste forte... para te guardar, dizes tu, e tolo... para que não se metesse na tua vida... (ligeira pausa e depois com sarcasmo) de teatro...

LEONOR, no auge da indignação

Que estás tu dizendo? Endoideceste, com certeza!

RICARDO, na mesma atitude

Não! Qual!... Estou em perfeito juízo, e por isso compreendo que não sendo... nem forte... nem tolo... nada tenho que fazer a teu lado! E será mesmo prudente afastar-me antes que tu me consideres também... um canalha.

LEONOR, na mesma atitude

Não quero ouvír-te mais! Entendes?!... Disseste que te vais afastar de mim... que nada tens que fazer a meu lado... Acabou-se!

RICARDO, como louco

Pois acabou-se! Paciencia! O que não será justo é que eu viva ao lado de uma amante para quem não valho um sacrifício, e abandone por ela uma mulher para quem sou tudo no mundo!

LEONOR, olhando-o com ódio e mal podendo pronunciar as palavras, porque os dentes se lhe cerram nervosamente

Não! Não é justo!... E pena foi que só agora o tivesses percebido!

RICARDO, dominando-se e conseguindo aparentar indiferença

Sem dúvida.

LEONOR, numa exaltação sempre crescente

Então não percas um instante! Parte! Não prolongues mais a minha desgraça e a dela... Anda, vai já!

RICARDO, na mesma atitude

Tenho tempo.

Vê as horas.

LEONOR, desabrida

Tens tempo?! E isso que importa?! Nós não podemos ficar nem mais um momento juntos. Eu não sirvo para passar o tempo!... Entendes?!

RICARDO

Entendo...

Ergue-se, vai à mesa, abre a mala de mão com uma chavinha pequena que tira da algibeira do colete e começa como que a observar se dentro lhe faltam alguns objectos, aparentando calma.

LEONOR, domina-se por completo, os lábios contraem-se-lhe num sorriso cruel, e depois, numa atitude de calma aparente, falando com uma voz onde se percebe uma intenção reservada que não consegue dissimular de todo

A-pesar-de tudo eu sei que és bom... (Ricardo deixa o que está a fazer e olha-a com desconfiança, demonstrando como que pavor do que ela irá dizer) e estou certa de que, mal tenhas saído daqui, reconhecerás que foste injusto para mim.

RICARDO, aproximando-se um pouco de Leonor

Não creio.

LEONOR, insistindo com firmeza, sempre na mesma atitude de falsa bondade

Reconhecerás a injustiça e sofrerás. Conheço-te!

RICARDO

Se te é agradável pensar que isso me suceda, pensa o que quiseres.

LEONOR

Não vale a pena discutirmos. Se não suceder assim, tanto melhor para ti. O meu desejo é que não sofras... Não esqueço fàcilmente os momentos de felicidade que me deste, e não poderei, nunca, ser tua inimiga.

RICARDO, não podendo dissimular o receio pela atitude misteriosa de Leonor

Obrigado.

LEONOR, muito teatral, aparentando sinceridade

Não tens que agradecer. Se é verdade que me faz sofrer muito pensar que tiveste coragem para terminar tudo entre nós... é também verdade que tiraste um pêso enorme do meu espírito. Nós não podíamos continuar a ser amantes...

RICARDO, muito interessado

Por quê?!

LEONOR, mostrando-se hesitante, deixando, proprositalmente, observar a reserva das suas intenções

A não ser que tu reconhecesses bem a razão... (Com segurança) Mas qual! Com os teus nervos... a tua desconfiança... Foi melhor assim... que tudo acabasse.

RICARDO, com impaciência que domina a custo

Podes explicar-te?

LEONOR, na mesma atitude

Agora que já não somos amantes, e que tu vais, como é tão justo, viver para junto de tua mulher... posso.

RICARDO

Mas que importa para o que vais contar-me que sejamos ou não amantes?

LEONOR, quebrando a atitude de reserva, nervosamente

Que importa?! Importa muito. Importa tudo. E é preciso que fique isto bem compreendido: nós já não somos amantes.

RICARDO, acabrunhado

Está compreendido. Não somos amantes...

LEONOR, com vivacidade

Muito bem! (Retomando a atitude anterior) Quando há pouco, lá em baixo no parque, me disseste... me juraste que não hesitarias em roubar..: se um dia te visses obrigado a separar-te de mim por falta de recursos... confesso-te, Ricardo! eu disse-te que não acreditava que fôsses capaz de o fazer, mas cá no meu íntimo acreditei-te! Era tão grato ao meu coração de amante julgar-te capaz de tôdas as loucuras por minha causa...

RICARDO, sem convicção

Nunca foi preciso...

LEONOR, áspera, sacudida

Não o farias nunca! Agora, sim, que estou bem certa! Mas durante a tua ausência deu-se um facto que me fêz julgar... julgar!... ter a certeza de que o tinhas feito. Oh! que ilusão a minha! Bem caro me custou!

RICARDO, sobressaltado

O Diogo foi ao cofre e deu por falta do dinheiro que o Ruy me emprestou? (Reflectindo e logo com anciedade) Julgou que tu... (Emendando) que eu o tinha roubado?! (Leonor olha-o sem afirmar nem negar; e logo brusco) É isto? Explica-te por uma vez!

LEONOR, franzindo a testa e com severidade

Pelo amor de Deus! Se me falas desse modo, não digo mais nada! (Muito intencional) Não tens já direito de me falar assim! Se me não ouves com tranqüilidade, calo-me. (Aparentando bondade) Que pretendo eu? Que nos separemos como amigos leais... já que a fatalidade não deixou que mais pudessemos continuar a ser um para o outro...

RICARDO, aniquilado e como escapando-lhe a frase

Que crueldade!

LEONOR, fitando-o de modo que o rancor transparece

Crueldade em quê?! (Com ironia) Nada te sucederá, descansa! O que vou contar-te só me diz respeito! Faço-o por lealdade, Não pode já afligir-te! (Com um frouxo de riso sarcástico) Afligir-te?!... Mas não estarás tu daqui a poucas horas nos braços da tua mulher?! dessa mulher para quem és tudo no mundo?! (Desdenhosa) Sê ao

menos coerente! (Desabrida) Ouve lá! Alguém que pense como tu póde afligir-se... achar cruel... saber que uma mulher sem pudor, que tem por profissão iludir tôda a gente... se tenha fingido ladra para salvar o amante?!

RICARDO, aproximando-se dela, nervosamente

Pois tu disseste ao Diogo que o tinhas roubado?!

LEONOR, calma, orgulhosa, fitando-o

Disse!

RICARDO, com exaltação

E êle?... Que se passou depois?

LEONOR, fitando-o com crueldade

Depois... depois entreguei-me para ficar com o dinheiro.

RICARDO, com os olhos esgazeados, num grito

Quê?!

LEONOR, desabrida

Sim, por que te admiras, se não me consideras honesta?

RICARDO, como doido, apertando-lhe os pulsos brutalmente

Mentes!

LEONOR, num grito de dor, quási chorando

Ai! Por que me fazes mal... se está tudo acabado entre nós?!

Liberta os pulsos das mãos de Ricardo e vai para o *divan*, escondendo o rosto entre os braços, quási deitada.

RICARDO, desvairado

Mentes! Mentes! Tu não acreditarias nunca que eu tivesse roubado! (Puxando-a com violência pelos braços para que ela lhe mostre o rosto) Tu não pensaste em salvar-me! Tu já conhecias o Diogo lá do teatro... do camarím! Bem te importava a ti a minha honra!

LEONOR, deixando de chorar, ràpidamente

E se assim fôsse? Que obrigação tinha eu de zelar a honra de um homem que me tinha abandonado?

RICARDO, mostrando-se muito surpreendido

Abandonado?!

LEONOR, com firmeza

Sim! Tu saíste daqui com tenção de não voltares mais! E ainda há pouco te lamentaste por teres voltado!

RICARDO, com violência

Mentes! É uma desculpa!

LEONOR

Eu não tenho de que me desculpar. Desde que eu soube que tinhas aproveitado teres as malas feitas para as levar sem me dizeres... desde esse momento não te considerei mais meu amante! (Levantando-se) Não esperei mais por ti.

RICARDO, mudando de atitude, já um tanto quebrado e muito surpreendido

E quem foi que te disse que eu tinha levado as malas?!

LEONOR, sacudida

Que te importa?! Soube. (Com um sorriso sarcástico) Dize também que é mentira!...

RICARDO, olha-a uns instantes aparvalhado, depois, vencido, pega-lhe nas mãos e com uma voz suplicante

Dize-me tu que tudo isto é um sonho, Leonor! Um pesadelo monstruoso!

LEONOR, com mais brandura

Imagina-o... se podes! (Noutro tom como a terminar uma conversa que não tem importância) ou supõe que te não disse nada e... acabou-se!

RICARDO, sempre com as mãos de Leonor entre as suas, toma uma atitude de grande abstracção, e depois falando com um tremor de voz sensual que não pode disfarçar

Vem cá. Senta-te aqui... (Leva-a para o *divan*, onde ambos se sentam, ficando ela da parte superior) Peço-te pelo que há de mais sagrado que me não mintas. E não te importe, não receies fazer-me sofrer...

LEONOR, fita-o com um olhar firme, inteligente, duro, acompanhando-o no seu desvairamento sensual, diz pausadamente:

Não mentirei.

RICARDO, na mesma atitude

È verdade teres-te entregado ao Diogo?

LEONOR, depois de uma curtíssima hesitação, logo dominada, com firmeza

É.

RICARDO, tem um estremecimento nervoso, que domina, e depois, como um sonâmbulo, falando muito devagar e com os lábios contraídos por um sorriso de mártir a quem o martírio deliciasse

E... entregaste-te... julgando salvar-me ?

LEONOR, tem nova hesitação, e logo firme

Não.

RICARDO, com vivacidade, dentro da mesma atitude

Fizeste-o, então, por ciúme ?...

LEONOR, como a lêr-lhe bem na alma, acompanhando-o no seu desvairamento

Sim.

RICARDO, com uma alegria nervosa que mal o deixa falar, aloucado

Para te vingares de mim... que te tinha abandonado ! Porque é verdade... eu abandonei-te ! Não pensava em voltar ! E tu, claro, vingastes-te !... Foi assim ?... Dize ? Foi ?

LEONOR

Foi.

RICARDO, na mesma atitude

E como tiveste coragem ?... (Com um grande interêsse sensual) Devias ter sofrido um verdadeiro martírio !

Curva-se beijando, demoradamente, as mãos de Leonor, ao ouvir as primeiras palavras da fala seguinte.

LEONOR, falando muito devagar, como recordando o que se passou entre ela e o Diogo

Cerrei os olhos... e só pensava em ti... Tive que supor que eras tu... quem me apertava nos braços...

(Ricardo, levanta a cabeça, fitando-a com sensualidade, e ela continúa a fala, olhando-o do mesmo modo) Que os seus beijos... eram os teus...

RICARDO, parecendo não poder suportar a descrição, ergue-se, estremecendo nervosamente, e, sem violência, antes quási carinhoso, deita-lhe as mãos ao pescoço, obrigando-a a tombar, suavemente, sôbre as almofadas

Oh! cala-te! Espera!... (Fita-a por instantes, depois como ocorrendo-lhe de súbito uma idea que o chamasse à realidade, perde o tom sensual em que tem estado a falar e diz quási com aspereza) E podes ainda jurar-me neste momento o que há pouco... lá em baixo... me juraste pela felicidade de teu filho?

LEONOR, parecendo não se lembrar

Não me recordo do que fôsse...

RICARDO, exaltando-se pouco a pouco

Não te recordas?!... Não te recordas que me juraste que o amor tinha sido sempre para ti um verdadeiro martírio? Que só tinhas sido feliz nos meus braços?...

LEONOR, muito embaraçada

Sim... sim... já me recordo...

RICARDO, na mesma atitude

E podes agora... fazer-me igual juramento?

LEONOR

Mas...

RICARDO

Mas... quê?!

LEONOR, com uma expressão de grande ingenuidade

Então não te disse já que era em ti que eu pensava... que era nos teus braços que eu me supunha apertada ? !

RICARDO, compreende a traição e, como doido, sacode-a pelo pescoço como a estrangulá-la

Oh ! que perfídia ! Que perfídia ! (Mudando de tom e como enojado de si próprio) E que miséria a minha ! (Num grito, sentindo-se liberto de tôda a prisão moral e sensual que os unia) Ah ! mas agora já basta ! Acabou-se.

Larga Leonor sôbre as almofadas, num gesto de repulsa, e, erguendo-se, vira-se para o público, tapando o rosto com ambas as mãos e conservando-se nesta atitude uns instantes. Ouvem-se, muito ao longe, as badaladas de um sino chamando os fiéis para a missa d'alva, e então Ricardo, a cada uma das três badaladas, vai, pouco a pouco, descobrindo o rosto, dando a impressão de que desperta de um mau sonho e se certifica, com alegria, da realidade, acordando.

LEONOR, reparando na atitude de Ricardo, levanta-se muito molestada. Vendo que êle se dispõe a saír, vai à carteira, tira o sobrescrito com o dinheiro e diz secamente

Já aqui não voltas, não é assim ?

RICARDO, absolutamente tranquilo, e com a maior delicadeza

Não volto. Mando já buscar as malas.

LEONOR, com um sorriso de desprêzo, atirando com o dinheiro para cima da mesa, na direcção de Ricardo

Então... leva o dinheiro que é teu !

RICARDO, fitando-a com a maior naturalidade, muito calmo

Meu, não. Teu. Não o ganhaste ?

Fita-a ainda uns instantes, como esperando resposta, e depois sai pela porta do fundo.

LEONOR, ouvindo o insulto, fica como petrificada. Vendo Ricardo, sair, cobra ânimo, aproxima-se da mesa, pega no sobrescrito, rasga-o, mete as notas dentro da mala pequena, que está sôbre a mesa, espalhando-as em grande desordem, Torna a fechar a mala. Dando a impressão de sentir-se muito molestada no pescoço, vai cambaleando ligeiramente até à *coiffeuse*, buscar um espelho de mão, indo depois sentar-se no *divan*: observa primeiro o pescoço ao espelho, franzindo o rosto com severidade; depois, demora-se observando a máscara. Tem uma expressão dolorosa que intensifica quási até às lagrimas, como se se estivesse ensaiando para qualquer situação teatral. Depois, como pensando alto, ainda olhando para o espelho, diz com um desdém cheio da maior amargura:

Deixar o teatro !... (Fixando os olhos no chão e num frouxo de riso nervoso) Estúpido !

Chora soluçando sôbre as almofadas em silêncio.

PANO

20 de Dezembro 1925.

ACABOU DE IMPRIMIR-SE EM
JUNHO DE 1927, NA IMPRENSA
LUCAS & C.ª, SITA NA RUA DO
DIARIO DE NOTICIAS, 59 A 61.
——— LISBOA ———

